



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO**

RITA EMANUELLE SANTOS DE JESUS

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E GESTÃO FINANCEIRA EMPRESARIAL: UM
ESTUDO COM MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS DE SERGIPE**

**SÃO CRISTÓVÃO, SE
2025**

RITA EMANUELLE SANTOS DE JESUS

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E GESTÃO FINANCEIRA EMPRESARIAL: UM
ESTUDO COM MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS DE SERGIPE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Administração do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração, regulamentadas pela Resolução nº 070/2023/CONEPE.

Orientadora: Prof. Dra. Glessia Silva de Lima.

**SÃO CRISTÓVÃO, SE
2025**

RITA EMANUELLE SANTOS DE JESUS

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E GESTÃO FINANCEIRA EMPRESARIAL: UM
ESTUDO COM MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS DE SERGIPE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Administração do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração, regulamentadas pela Resolução nº 070/2023/CONEPE.

Trabalho defendido e aprovado em 04 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Glessia Silva de Lima (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dra. Maria Elena Leon Olave (Membro Interno)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Me. Emanuela Rocha Mota (Membro Interno)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Aos meus pais, que tiveram suas asas cortadas, mas não me impediram de voar.

AGRADECIMENTOS

A princípio, agradeço a Deus, autor da minha história, por escrever este capítulo no livro da minha vida e me capacitar para chegar até aqui, não permitindo por um só momento que eu desistisse. Obrigada por me guiar, encorajar, me dar paciência e perseverança para enfrentar os momentos difíceis.

Agradeço a minha mãe, Berenice, por me manter em suas orações, aconselhar e proferir palavras de incentivo para seguir em frente rumo aos meus objetivos. Ao meu pai, Everton, sou grata pelo esforço diário, por cada sacrifício e sempre acreditar em mim. Tudo o que sou e estou destinada a ser, eu devo a vocês, pois são o meu alicerce e minha inspiração.

Agradeço aos meus irmãos, Igor e Ítalo, por estarem comigo em todas as circunstâncias, compartilhando risos, desafios e vitórias. Ao meu sobrinho Yan Brenno, sou grata por cada gesto de carinho e por trazer leveza em meio aos dias turbulentos.

Agradeço aos meus padrinhos, Conceição e Guimarães, e a minha tia, Eliane, por me acolherem durante esse período, me proporcionando muito mais que um teto sobre a cabeça, um lar, fornecendo todo suporte e auxílio necessário.

Agradeço ao meu namorado, Zaqueu, pelo apoio emocional durante as fases de tensão e ansiedade, me permitindo vivenciar momentos de descontração, para que mantivesse o foco e equilíbrio.

Agradeço a minha madrinha Heloísa, tios(as), primos(as) e demais familiares por acreditarem no meu potencial e me mostrarem o real significado de família.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial, Mayara, Gleise e Fernando, pela presença acolhedora e motivadora em minha vida. Aos amigos e colegas de curso, Kevilly, Brenda, Everton, Délis, Jamison, Adeilton e João Lucas, sou grata por compartilharmos conquistas e desapontamentos, crescendo juntos nesta caminhada.

Agradeço a minha orientadora, Glessia, por cada *feedback* e por me desafiar a pensar criticamente, pois seu comprometimento, sabedoria e paciência foram cruciais na construção desse trabalho. Aos demais professores, que contribuíram para a minha formação, sou grata por transmitirem com maestria seus conhecimentos.

Por fim, agradeço aos microempreendedores individuais que aceitaram o convite para participar da pesquisa, por dedicarem tempo contribuindo de forma significativa com as suas experiências profissionais.

“Você deve ganhar controle sobre seu dinheiro ou a falta dele vai controlá-lo para sempre”.

Dave Ramsey

RESUMO

Comumente, os microempreendedores individuais tendem a enfrentar desafios na área financeira por, em geral, atuarem sozinhos na condução dos seus negócios. Nessa conjuntura, este estudo teve como objetivo compreender como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira destes microempreendedores. Desse modo, buscou-se detectar indícios acerca de seus conhecimentos, comportamentos e atitudes financeiras, e como estes exercem influência na maneira que gerenciam as finanças dos seus microempreendimentos. Como método, foi utilizado o estudo de casos múltiplos, caracterizando-se por ser de natureza qualitativa e caráter descritivo. Foram utilizadas como fontes de evidências a condução de entrevistas mediante roteiro semiestruturado, com quatro microempreendedores do estado de Sergipe, bem como os documentos utilizados para registros financeiros. Os resultados demonstraram que a falta de conhecimento relacionado a inflação influencia na forma que lidam com situações que envolvam o valor dos produtos/serviços, assim como apresentam maiores dificuldades diante de imprevistos financeiros ao não porem em prática o hábito de economizar. Com isso, tiveram como consequências a ausência de planejamento financeiro e ferramentas financeiras que permitissem projetar as finanças. Além disso, não desvinculam as contas da empresa e pessoal. Também foi verificado que a incompreensão referente aos juros e risco interfere na falta de análise de investimentos, assim como na inexistência da gestão de riscos. Ademais, detentores de bons conhecimentos financeiros, não necessariamente realizam uma boa gestão financeira, uma vez que atitudes como a impulsividade ou fatores externos podem influenciar a tomada de decisões. Nesse sentido, o estudo serviu como contribuição para revelar que não basta ter apenas conhecimento financeiro, ressaltar quão importante é desvincular as contas pessoal e corporativa, determinar o pró labore como custo fixo para monitorar os custos, manter o hábito de economizar e atingir o equilíbrio entre o conhecimento, atitude e comportamento financeiro, para constituir a alfabetização financeira, culminando em boas práticas na gestão financeira do negócio.

Palavras-Chave: Conhecimento financeiro. Atitude financeira. Comportamento financeiro. Alfabetização financeira. Gestão financeira.

ABSTRACT

Individual microentrepreneurs often face financial challenges because they generally operate alone in running their businesses. In this context, this study aimed to understand how financial literacy affects the financial management of these microentrepreneurs. In this way, we sought to detect evidence about their financial knowledge, behaviors and attitudes, and how these influence the way they manage the finances of their microenterprises. The method used was a multiple case study, characterized by its qualitative and descriptive nature. The sources of evidence used were semi-structured interviews with four microentrepreneurs from the state of Sergipe, as well as the documents used for financial records. The results showed that the lack of knowledge related to inflation influences the way they deal with situations involving the value of products/services, as well as that they have greater difficulties when faced with financial contingencies because they do not practice the habit of saving. As a result, the lack of financial planning and financial tools that would allow them to project their finances were the consequences. Furthermore, they do not separate company and personal accounts. It was also found that the lack of understanding regarding interest and risk interferes with the lack of investment analysis, as well as the lack of risk management. Furthermore, those with good financial knowledge do not necessarily perform good financial management, since attitudes such as impulsiveness or external factors can influence decision-making. In this sense, the study served as a contribution to reveal that it is not enough to have financial knowledge alone, highlighting how important it is to separate personal and corporate accounts, determine the pro labore as a fixed cost to monitor costs, maintain the habit of saving and achieve a balance between knowledge, attitude and financial behavior, to establish financial literacy, culminating in good practices in the financial management of the business.

Keywords: Financial knowledge. Financial attitude. Financial behavior. Financial literacy. Financial management.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DRE.....	Demonstrativo de Resultados do Exercício
ERP.....	<i>Enterprise Resource Planning</i>
MEIs.....	Microempreendedores Individuais
OCDE.....	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA.....	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
RS.....	Rio Grande do Sul
SE.....	Sergipe
SEBRAE.....	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Componentes da alfabetização financeira.....	19
Figura 2 – Quantitativo de MEI em Sergipe nos últimos dez anos.....	22
Figura 3 – Fluxo de caixa de um MEI do ramo de comércio varejista de artigo de vestuário.....	26
Figura 4 – Impacto da alfabetização financeira na gestão financeira.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões e elementos-chave da alfabetização financeira.....	21
Quadro 2 – Principais dificuldades em gestão financeira das micro e pequenas empresas.....	25
Quadro 3 – Principais ferramentas de gestão financeira.....	27
Quadro 4 – Protocolo de estudo de caso.....	32
Quadro 5 – Categorias analíticas e elementos de análise.....	34
Quadro 6 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Conhecimento Financeiro.....	57
Quadro 7 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Atitude Financeira....	59
Quadro 8 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Comportamento Financeiro.....	62
Quadro 9 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Gestão Financeira dos Microempreendimentos.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	15
1.3 JUSTIFICATIVA.....	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	17
2.2 GESTÃO FINANCEIRA	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 QUESTÕES DE PESQUISA	30
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	30
3.3 MÉTODO DE PESQUISA	31
3.3.1 Protocolo de estudo.....	32
3.4 FONTES DE EVIDÊNCIAS	33
3.5 UNIDADES DE ANÁLISES	33
3.6 CRITÉRIO PARA A ESCOLHA DOS CASOS.....	34
3.7 CATEGORIAS ANALÍTICAS E ELEMENTOS DE ANÁLISE.....	34
3.8 CRITÉRIOS DE VALIDADE/CONFIABILIDADE.....	35
3.9 ANÁLISE DOS DADOS.....	36
4 DESCRIÇÃO DOS CASOS	37
4.1 CASO A	37
4.1.1 Conhecimento financeiro	38
4.1.2 Atitude financeira.....	38
4.1.3 Comportamento financeiro.....	39
4.1.4 Gestão financeira do microempreendimento.....	40
4.2 CASO B	42
4.2.1 Conhecimento financeiro	42
4.2.2 Atitude financeira.....	43
4.2.3 Comportamento financeiro.....	44

4.2.4 Gestão financeira do microempreendimento	44
4.3 CASO C	46
4.3.1 Conhecimento financeiro	47
4.3.2 Atitude financeira.....	47
4.3.3 Comportamento financeiro.....	48
4.3.4 Gestão financeira do microempreendimento.....	49
4.4 CASO D	50
4.4.1 Conhecimento financeiro	51
4.4.2 Atitude financeira.....	52
4.4.3 Comportamento financeiro.....	52
4.4.4 Gestão financeira do microempreendimento.....	53
5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS.....	55
5.1 CONHECIMENTO FINANCEIRO.....	55
5.2 ATITUDE FINANCEIRA	58
5.3 COMPORTAMENTO FINANCEIRO.....	59
5.4 GESTÃO FINANCEIRA DOS MICROEMPREENDEIMENTOS	62
6 COMO A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA AFETA A GESTÃO FINANCEIRA DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS	69
7 CONCLUSÕES.....	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A — ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	81
APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO.....	84

1 INTRODUÇÃO

A palavra alfabetização, em sua origem, concerne ao ensino do alfabeto, da leitura e da escrita (Khatib, 2023). Contudo, a alfabetização financeira, é um conceito complexo que abrange desde o conhecimento de noções financeiras fundamentais até a capacidade do indivíduo em gerenciar as finanças pessoais, englobando um conjunto de percepções, entendimentos, práticas e comportamentos financeiros que apoiam a tomada de decisões financeiras responsáveis (Khatib, 2023; OCDE, 2020).

Convém destacar que o conceito de alfabetização financeira também difere do que se entende como educação financeira. Enquanto a educação financeira está limitada à concepção de conhecimento que visa a instrução do indivíduo a respeito das finanças, a alfabetização financeira vai além do simples conhecer, abrangendo o modo como as pessoas agem e se comportam, sendo capazes de pôr em prática o que aprendem, gerenciando suas finanças (Schmitz; Piovesan; Braum, 2021).

Por extensão, a alfabetização financeira empresarial refere-se ao entendimento e aplicação dos conhecimentos financeiros no ambiente corporativo (Sales, 2023). Nesse sentido, independentemente do tamanho da empresa, é de suma importância saber utilizar os conceitos financeiros para atingir o sucesso, uma vez que permite gerenciar melhor o dinheiro e o consequente alcance do equilíbrio financeiro (Sales, 2023). No entanto, embora seja crucial a aquisição desse conhecimento, perante as novas realidades que o mundo financeiro apresenta, não há muitos estudos voltados para a relevância da alfabetização financeira para o empreendedor e seu respectivo empreendimento (Sales, 2023).

Ademais, os microempreendimentos correspondem a uma esfera importante do país por ampliarem as oportunidades de trabalho, contribuindo com a sociedade e com o avanço econômico da região (Dantas; Santos; Lima, 2017). Contudo, para a empresa prosperar no mercado, faz-se necessário realizar a gestão financeira, meio pelo qual o empreendedor conseguirá avaliar o desenvolvimento do seu negócio e definir estratégias de expansão (Dantas; Santos; Lima, 2017). No entanto, sabe-se que os índices de encerramento destas empresas são elevados e administrar as finanças compreende um dos maiores desafios para os microempreendedores (Dantas; Santos; Lima, 2017).

Diante do exposto, considera-se que a influência da alfabetização financeira na gestão financeira de microempreendedores individuais precisa ser compreendida,

tendo em vista o fortalecimento e crescimento dos pequenos negócios e o desenvolvimento da região em que atuam, especialmente a sergipana, cenário escolhido para a pesquisa.

Este estudo foi estruturado em nove partes. Na primeira parte, foram percorridos a introdução, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. Por conseguinte, foi apresentado o referencial teórico que fundamentou o objeto de estudo. Na terceira parte encontra-se a metodologia utilizada. Já a quarta, a quinta e a sexta parte expõem os resultados e análises obtidos na pesquisa. As conclusões foram elucidadas na sétima parte. Enquanto que, as referências foram expostas na oitava parte. Por fim, a última parte contém os apêndices.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Observa-se que os Microempreendedores Individuais (MEIs), frequentemente tomam decisões equivocadas em virtude do acúmulo de responsabilidades exclusivas relacionadas ao negócio e à falta de habilidades financeiras, enfrentando desafios em discriminar os recursos pessoais e empresariais, por exemplo (Costa, 2023). Corroborando a ideia, a falência e a inadimplência podem ser causadas pela carência de alfabetização financeira, que leva a endividamentos excessivos (Sales, 2023). Nessa perspectiva, apoiando-se nas teorias adotadas, este estudo busca responder ao seguinte questionamento:

Como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais em Sergipe?

1.2 OBJETIVOS

Diante da temática apresentada, esta pesquisa está orientada por um objetivo geral e desdobrada em quatro objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Compreender como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais em Sergipe.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Analisar o conhecimento financeiro dos microempreendedores individuais;
- b) Identificar as principais atitudes financeiras dos microempreendedores individuais;
- c) Entender como os microempreendedores individuais se comportam financeiramente;
- d) Compreender como é feita a gestão financeira dos microempreendimentos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Segundo a Pesquisa, “Pulso dos Pequenos Negócios”, desenvolvida no início de 2024 pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), cerca de 25% dos MEIs estão endividados e as dívidas em atraso simbolizam aproximadamente $\frac{2}{3}$ das despesas do empreendimento (SEBRAE, 2024). De forma correlata, de acordo com a CNN Brasil (2024), em média, 1,12 milhão de microempreendedores individuais estavam inadimplentes e corriam o risco de perderem o enquadramento do Simples Nacional, caso não regularissem a situação até o final do ano 2024. Nessa perspectiva, percebe-se que o grau de alfabetização financeira dos MEIs é alarmante, pois para Sales (2023), o nível de endividamento pode ser originado pela ausência de alfabetização financeira.

Seguindo esse raciocínio, nota-se que a alfabetização financeira deve ser trabalhada desde o ensino fundamental, visando mitigar os níveis de endividamento dos cidadãos (Lanzarini, 2018). Contudo, um levantamento do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) apontou que quase metade dos brasileiros de 15 anos possuem *déficit* em alfabetização financeira, dos quais os que se encontram em desvantagem socioeconômica apresentam desempenhos inferiores (CNN Brasil, 2024).

No que diz respeito à gestão financeira do negócio, segundo dados do SEBRAE, 48% dos microempreendedores individuais não estimam as despesas, 39% não contabilizam todos os ganhos e 18% não têm o hábito de monitorar o saldo de caixa (DataSebrae, 2018). Esses dados evidenciam a dificuldade que os MEIs enfrentam em gerir suas finanças, possivelmente vinculado à carência em alfabetização financeira.

Outrossim, Dantas, Santos e Lima (2017), obtiveram como resultado da pesquisa “A influência da gestão financeira no desempenho dos microempreendedores individuais da cidade do Juazeiro do Norte-CE”, que os participantes não realizavam uma boa gestão das finanças do seu negócio, pois lhe faltavam conhecimento financeiro, dificultando o progresso empresarial. Para esses empreendedores, fechar o mês sem dívidas já era satisfatório, todavia, na visão dos autores, se alfabetizados financeiramente, poderiam focar em obter lucro e expandir seu empreendimento.

Ainda, em estudo conduzido por Costa (2023), intitulado “Empreendedorismo em detalhes: Microempreendedor Individual, Comportamento Financeiro e Planejamento Financeiro Empresarial”, na região de Sant’Ana do Livramento, no Rio Grande do Sul (RS), os resultados apontaram que os microempreendedores individuais possuíam entendimento e bons comportamentos financeiros. Conforme análise da autora, os participantes não demonstraram carência em habilidades financeiras voltadas para o gerenciamento de empresas, perpetuando seus negócios por mais de cinco anos.

Sales (2023), por sua vez, ao desenvolver sua pesquisa “Alfabetização Financeira de Microempreendedores em João Pessoa/PB”, constatou que aqueles que detinham mais sapiência acerca das finanças, costumavam ser mais assertivos em suas deliberações, mitigando as chances de cometerem falhas.

Nesse contexto, acredita-se que este estudo poderá ampliar a compreensão dos impactos financeiros enfrentados pelos microempreendedores individuais, além de destacar a importância da alfabetização financeira para uma gestão financeira de sucesso, fornecendo *insights* para acadêmicos e profissionais da área, servindo de base para novas pesquisas e para tomada de decisão no cotidiano profissional.

Além disso, dada a crescente importância no cenário que muitos ainda enfrentam dificuldades, este trabalho buscará contribuir com os microempreendedores e formuladores de políticas públicas, em prol do desenvolvimento socioeconômico de Sergipe (SE), que segundo o DataSebrae (2024) conta com mais de 100 mil pessoas formalizadas como MEIs. Assim, o fortalecimento desta classe poderá impactar desde o empreendedorismo até a economia local, com benefícios diretos para a sociedade como a geração de novos postos de trabalho, por exemplo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico foi desenvolvido baseado nas teorias percorridas neste trabalho, a saber: alfabetização financeira e gestão financeira. Deste modo, buscou-se desdobrá-las e delimitá-las, apresentando aspectos relevantes para o entendimento deste estudo. De maneira integrada, foram realizadas contextualizações dos tópicos com os microempreendedores individuais.

2.1 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Confundir educação financeira com alfabetização financeira é um ato problemático, por se tratarem de conceitos divergentes (Potrich, 2014). Considerando esse enfoque, quando alguém é educado financeiramente, demonstrando bons conhecimentos financeiros, mas age sem escrúpulos em relação às finanças, pode ser um indicativo de analfabetismo financeiro (Lanzarini, 2018). Assim, faz-se necessário realizar a distinção destes construtos.

Logo, a educação financeira é associada ao processo de aprendizado para utilizar de forma adequada os recursos financeiros (Silveira *et. al*, 2022). Por outro lado, a alfabetização financeira é compreendida como a forma de captar conhecimento e saber empregá-lo no contexto financeiro pessoal (Huston, 2010). Em síntese, a educação financeira é tida como um itinerário para a alfabetização financeira (Silva e Lucena, 2021).

Apesar de não haver uma definição exata, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) descreveu a alfabetização financeira como: “uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos financeiros necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual” (OCDE, 2020, p.7). Além disso, a OCDE (2020) reconhece que a alfabetização financeira tem-se demonstrado relevante para o foco político de várias nações, por ampliar o acesso financeiro. Nessa conjuntura, cerca de 70 países atuaram em 2020 desenvolvendo métodos de alfabetização financeira (OCDE, 2020).

Vale ressaltar que ser alfabetizado financeiramente contribui para tomada de decisões mais assertivas no que diz respeito a empréstimos, investimentos e a gestão da empresa (Sales, 2023). Sob esse enfoque, empresas que apresentam resultados

positivos tendem a refletir a postura financeira de seus proprietários (Lanzarini, 2018). Nessa ótica, baixos índices de alfabetização financeira podem comprometer a credibilidade da organização, diante da falta do controle financeiro e da provável dificuldade do gestor em tomar decisões (Santos, 2023).

Embora o mundo contemporâneo apresente facilidades financeiras aos indivíduos, a complexidade dos serviços também aumentou, condicionando-os a situações desafiadoras e arriscadas (OCDE, 2020). Ademais, de modo geral, as pessoas escolhem ou decidem sobre assuntos com base em aspirações próprias e naquilo que sabem (Silva e Lucena, 2021). Nesse sentido, pessoas que não apresentam bons índices de alfabetização financeira tendem a cometer mais erros e comprometer o progresso da empresa, por meio do endividamento desregrado (Lanzarini, 2018).

Desse modo, o endividamento pode ser entendido como a situação em que mesmo o indivíduo manifestando o desejo de quitar suas dívidas, não consegue realizar o pagamento em tempo hábil (Silveira *et. al*, 2022). Além disso, não conseguir cumprir com seus compromissos financeiros, configura-se inadimplência (Silveira *et. al*, 2022). Assim, falhas financeiras tendem a afetar a satisfação do indivíduo, além de causar impactos negativos aos *stakeholders* (Huston, 2010).

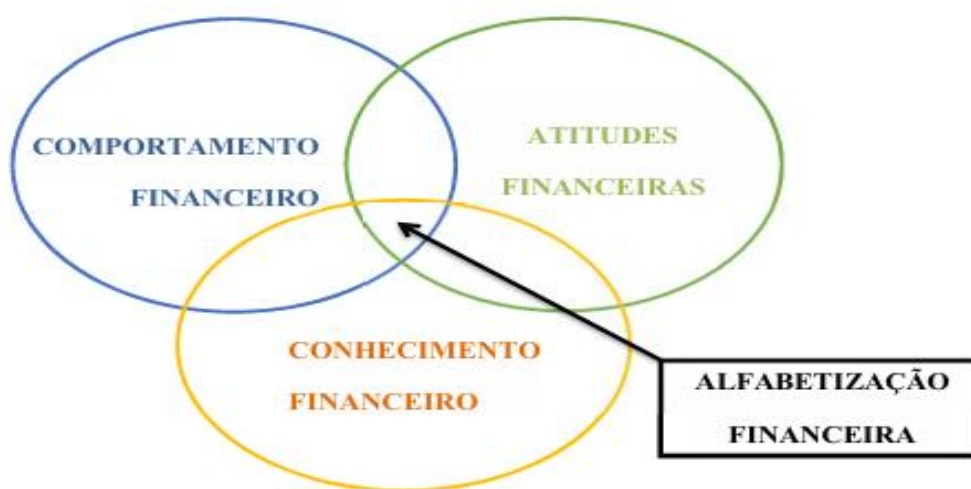
Dito isto, reconhece-se que é por meio da alfabetização financeira que o empreendedor consegue gerir melhor suas dívidas (Santos, 2023). Com isso, os indivíduos necessitam ser alfabetizados financeiramente ainda na adolescência, devendo perpetuar ao decorrer da vida visando uma boa gestão das finanças (Sales, 2023).

Outrossim, possuir problemas com operações matemáticas, provavelmente influencia na alfabetização financeira das pessoas, contudo extensões como a calculadora podem suprir essa carência (Huston, 2010). Ainda, alguns fatores contribuem para que os indivíduos arruinem suas finanças, como gastar mais do que possuem, não monitorar os gastos e não ter uma reserva de capital (Silveira *et. al*, 2022).

Adicionalmente, apesar da alfabetização financeira abranger aspectos como o conhecimento e saber aplicá-lo na prática, há variáveis que podem exercer influência no comportamento do indivíduo (Huston, 2010). São considerados elementos influenciadores: distorções comportamentais, consanguíneos, companheiros e o contexto socioeconômico ao qual o indivíduo está inserido (Huston, 2010).

Nesse sentido, Potrich (2014) resume que a alfabetização financeira contempla o conhecimento, a atitude e comportamento financeiro. Do mesmo modo, Lopes e Andrade (2020) sintetizaram o conceito de alfabetização financeira por meio da Figura 1, ilustrando que a sua formação depende da união desses três componentes, destacando na cor laranja o conhecimento, em verde as atitudes, em azul o comportamento e ao centro, a alfabetização financeira.

Figura 1 - Componentes da alfabetização financeira



Fonte: Lopes e Andrade (2020).

Nessa perspectiva, define-se por conhecimento financeiro o entendimento de fundamentos de finanças, demonstrando aptidão aritmética na conjuntura financeira (OCDE, 2023). De acordo com a OCDE (2023), os principais conceitos financeiros a serem conhecidos são inflação, poupança/investimento de longo prazo, juros e risco.

Em termos gerais, a inflação diz respeito à elevação dos preços dos produtos e serviços, reduzindo o poder de compra (Banco Central do Brasil, 2024). Por outro lado, a poupança compreende a reserva de dinheiro feita no momento presente focando em objetivos de longo prazo (Banco Central do Brasil, 2024). De forma resumida, juros são definidos como a taxa de compensação pelo dinheiro aplicado (Moreira *et. al*, 2010). Já o risco está relacionado com a chance de algo não sair como planejado (Pinho *et. al*, 2019).

Compreender essas definições contribui para um melhor processo deliberativo financeiro, em face das condições econômicas que afetam o custo de vida das pessoas, bem como possibilita realizar um controle inicial do dinheiro (OCDE, 2023). Por exemplo, diante de um cenário cujo indivíduo apresente rendas variáveis, o

conhecimento acerca da poupança, permite que gerencie os ganhos imediatos visando o alcance de metas com perspectivas futuras (OCDE, 2023)

Além disso, segundo a OCDE (2023), 84% das pessoas conseguem compreender o conceito de inflação, porém somente 63% sabem calcular seus efeitos; 49% dos adultos conseguem realizar cálculos relacionados aos juros simples; e em média, $\frac{2}{3}$ dos indivíduos sabem responder situações envolvendo risco.

Nesse contexto, ressalta-se a relevância desse conhecimento, pois sua ausência compromete a vida das pessoas, uma vez que pode provocar decisões errôneas, ausência de planejamento financeiro e informações insuficientes (Silveira *et. al*, 2022). Assim, o conhecimento financeiro torna possível administrar e avaliar os recursos financeiros, bem como decidir e/ou reagir diante de situações que podem arruinar seu estado financeiro (OCDE, 2023). Em concordância, o conhecimento financeiro pode moldar as atitudes e comportamentos financeiros dos indivíduos (Potrich, 2014).

Outrossim, o conhecimento não basta, pois as atitudes também causam impacto nas decisões do indivíduo, uma vez que, quando negativas, criam obstáculos para atingir a resiliência financeira, que condiz na aptidão em enfrentar contratempos financeiros (OCDE, 2023).

Neste ponto, a atitude financeira pode ser definida como sendo a tendência de comportar-se financeiramente com base em convicções (Santos, 2023). Assim, a atitude compreende as inclinações que as pessoas possuem em relação aos gastos em um horizonte de tempo próximo e na definição de objetivos de longo prazo (OCDE, 2023). Segundo a pesquisa desenvolvida pela OCDE (2023), os adultos tendem, em sua maioria, a demonstrar atitudes baseadas no planejamento financeiro.

Considera-se ainda, que a cultura configura fator influente no perfil financeiro das pessoas (Silva *et. al*, 2022). Entende-se por perfil financeiro os atributos individuais que fazem com que as pessoas gerenciem suas finanças pessoais (Silva *et. al*, 2022).

Por conseguinte, o comportamento financeiro pode ser avaliado por meio do monitoramento das movimentações financeiras, da capacidade dos indivíduos em economizar, bem como lidar com imprevistos financeiros sem contrair dívidas, e se eles consultam fontes seguras antes de realizar uma compra importante (OCDE, 2023). Consequentemente, comportamentos como postergação para regularizar as

dívidas, falta de planejamento ou tomar decisões financeiras sem embasamento podem ser prejudiciais (OCDE, 2023).

Entretanto, $\frac{1}{3}$ dos microempreendedores individuais não conseguem realizar pagamentos em tempo hábil; 50% não sabem como lidar com imprevistos financeiros; e 18% não realizam o controle de caixa do negócio (DataSebrae, 2018).

Com isso, o desempenho financeiro dos indivíduos depende das suas atitudes e comportamentos relativos às finanças em um determinado horizonte de tempo (Silva *et. al*, 2022).

Diante do exposto, observa-se no Quadro 1, uma síntese das dimensões, abordando os elementos-chave relacionados.

Quadro 1 - Dimensões e elementos-chave da alfabetização financeira

Dimensão	Descrição	Elementos-chave
Conhecimento Financeiro	Compreensão de conceitos financeiros.	- Inflação; - Poupança/investimento de longo prazo; - Juros; - Risco.
Atitude Financeira	Tendências para agir em relação aos gastos.	- Controle emocional (distorções comportamentais); - Influências socioculturais (consanguíneos, companheiros e o contexto socioeconômico).
Comportamento Financeiro	Aplicação do conhecimento na prática, gerenciando as finanças.	- Gestão das dívidas; - Planejamento financeiro; - Reserva financeira periódica.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No entanto, conforme pesquisas desenvolvidas pela OCDE, foi constatado que “[...] muitas pessoas - especialmente grupos vulneráveis - não têm nem mesmo conhecimento financeiro básico e estão mal preparadas para tomar decisões financeiras inteligentes” (OCDE, 2020, p. 3). Alinhado a isso, o DataSebrae (2024), aponta que 56% dos microempreendedores individuais resolveram empreender movidos pela necessidade de ter uma fonte de renda. Sob essa ótica, a falta de planejamento pode ser atribuída principalmente aos casos de empreendedorismo por necessidade, uma vez que na tentativa de sobreviver, o indivíduo não consegue dedicar tempo para planejar-se financeiramente (Aguiar, 2023).

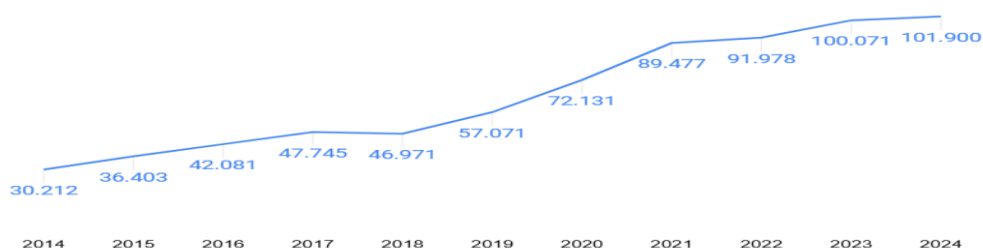
Correlacionado a isso, dados divulgados pela CNN Brasil (2024), demonstram que em média, mais de 1 milhão de MEIs precisavam regularizar suas dívidas até o final do ano de 2024, para não perderem o enquadramento do Simples Nacional. Nesse caso, entende-se por Simples Nacional, o sistema instaurado pela Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006, que unifica o recolhimento de tributos de Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (BRASIL, 2024). Além disso, pesquisas conduzidas pelo SEBRAE apontam o nível de endividamento dos microempreendedores individuais correspondendo a aproximadamente $\frac{2}{3}$ das despesas do empreendimento (SEBRAE, 2024).

A esse respeito, o Microempreendedor Individual é definido como o indivíduo que desenvolve um pequeno negócio de maneira formal (SEBRAE, 2024), desde que seu faturamento não exceda R\$81.000,00 por ano e opte pelo Simples Nacional (BRASIL, 2006). Ademais, o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte estabelece as exigências de não possuir sociedades ou participações em outras empresas ou filiais, bem como só lhes é permitida a contratação de um funcionário (BRASIL, 2006).

No âmbito nacional, os MEIs simbolizam 74,2% do total de empresas abertas no segundo quadrimestre de 2024, considerando que no Brasil foram registrados a abertura de 1.459.079 novos negócios, dos quais 1.082.049, foram microempreendedores individuais (BRASIL, 2024).

Já no estado de Sergipe, a Figura 2 retrata o crescimento do quantitativo de MEIs, nos últimos 10 anos conforme o DataSebrae (2024) com dados fornecidos pelo Portal do Empreendedor. Contudo, o número tende a estabilizar (DataSebrae, 2024). De acordo com o gráfico, é possível observar que o número de MEIs mais que triplicou em uma década.

Figura 2 - Quantitativo de MEI em Sergipe nos últimos dez anos



Fonte: DataSebrae (2024).

Em suma, conforme Lanza-rini (2018), o ambiente de trabalho tem a capacidade de condicionar o grau de alfabetização financeira, citando como exemplo o caso dos profissionais autônomos e dos microempreendedores individuais, alvo da sua pesquisa. Em sintonia, a OCDE (2023) afirma que variáveis como grau de instrução, renda e ocupação profissional exercem influência nos índices de alfabetização financeira.

Outrossim, indivíduos que possuem grau de instrução mais elevado são detentores de conhecimentos financeiros mais aprofundados (Lanza-rini, 2018). Com isso, ressalta-se a relevância da alfabetização financeira para os microempreendedores individuais dada a possibilidade da relação existente entre endividamento e gestão financeira ineficiente (Lanza-rini, 2018). Afinal, por ser o único responsável pelo negócio, se não conseguir arcar com todas as dívidas contraídas, o MEI poderá correr o risco de perder até seus bens pessoais (Lanza-rini, 2018).

2.2 GESTÃO FINANCEIRA

Aguiar (2023) conceitua gestão financeira como o gerenciamento do capital proveniente das operações do negócio. Segundo o autor, ela é quem fornece as informações essenciais para fazer a empresa progredir no mercado. Em harmonia com o Banco do Nordeste (2024), a gestão de recursos financeiros compreende o registro e o gerenciamento das finanças, visando melhoria no desempenho da empresa. Dessa forma, todo tipo de empresa necessita gerenciar os recursos financeiros se objetiva alcançar êxito (Queiroz e Araújo, 2024).

Salienta-se ainda que a ausência de gestão financeira prejudica não só a empresa como também o indivíduo por trás dela (Silva *et. al*, 2022). Sendo assim, ao não realizar o controle das finanças, falhas podem ser cometidas, podendo levar a empresa a falir, por exemplo (Aguiar, 2023). Além disso, a gestão financeira possibilita reconhecer despesas fúteis e focar na economicidade dos recursos (Aguiar, 2023). Nesse sentido, enfatiza-se a importância da gestão financeira para a empresa como um todo, por meio do uso adequado dos recursos financeiros, análise das opções de investimento e criação de uma estrutura de capital balanceada (Queiroz e Araújo, 2024).

Em acréscimo, os erros na administração geral configuram o problema central que engloba os métodos de gestão financeira inadequados nas micro e pequenas

empresas (Azevedo e Leone, 2011). Logo, o empreendedorismo exige muito mais que o desejo de empreender, demandando capacidade administrativa do potencial empreendedor (Azevedo e Leone, 2011). Atrelado a isso, de acordo com o SEBRAE (2023), 29% dos microempreendedores individuais encerram suas atividades decorridos cinco anos. Entre as principais causas de fechamento das empresas estão a falta de qualificação e a ausência de planejamento (SEBRAE, 2023).

Nesse contexto, observa-se que nas micro e pequenas empresas a gestão financeira geralmente é realizada com base nos conhecimentos adquiridos na prática, ou seja, nas experiências do gestor, devido às limitações enfrentadas para realizar a qualificação do responsável (Azevedo e Leone, 2011). De modo semelhante, aqueles que deixam de gerir os recursos financeiros, normalmente não dispõem de conhecimento e *expertise* (Silva *et. al*, 2022).

Assim, esclarece-se que a gestão financeira é crucial para que os microempreendedores tenham noção das transações financeiras que são realizadas em suas empresas (Silva *et. al*, 2022). Com isso, a gestão financeira facilita a detecção de aspectos positivos e negativos do empreendimento, favorecendo a tomada de decisões estratégicas e conscientes (Queiroz e Araújo, 2024).

No entanto, 77% dos microempreendedores individuais não possuem nenhum tipo de formação relacionada à gestão financeira (DataSebrae, 2018). Ademais, muitos indivíduos deixam de realizar o planejamento financeiro de seus negócios por entenderem que apenas profissionais são capazes de realizá-los, quando na realidade as técnicas para elaboração são mais simples do que pensam (Sales, 2023).

Além disso, ainda que as pessoas afirmem possuir controle sobre as finanças, suas ações demonstram o contrário, ao não realizarem a distinção de contas (Silva *et. al*, 2022). Diante disso, percebe-se a importância de separar as contas pessoal e empresarial, de modo a conseguir avaliar melhor a performance corporativa, dado que a não dissociação distorce a percepção da realidade financeira do negócio (Aguilar, 2023).

Outrossim, entre os principais desafios enfrentados pelos MEIs estão problemas de caixa, o uso das contas física e jurídica de forma conjunta e problemas relacionados a juros altos e descontos significativos (Banco do Nordeste, 2024).

Desse modo, o Quadro 2 sintetiza as principais dificuldades vivenciadas pelas micro e pequenas empresas, com base na visão dos autores anteriormente mencionados.

Quadro 2 - Principais dificuldades em gestão financeira das micro e pequenas empresas

Principais Dificuldades	Autores
Acúmulo de responsabilidades, falta de habilidades financeiras e discriminar recursos pessoais e empresariais.	Costa (2023).
Falta de qualificação profissional.	Azevedo e Leone (2011).
Não realizar a separação das contas pessoais e empresariais; Falta de conhecimento e <i>expertise</i> .	Silva <i>et. al</i> (2022).
Falta de formação na área financeira.	DataSebrae (2018).
Utilizar recursos da empresa para pagar contas pessoais ou vice-versa.	Aguiar (2023).
Problemas de caixa, uso das contas física e jurídica de forma conjunta, juros altos e descontos significativos.	Banco do Nordeste (2024).

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Com isso, torna-se perceptível que a carência em conhecimentos financeiros e a mistura das contas pessoal e empresarial constituem os problemas mais recorrentes em empresas desse porte.

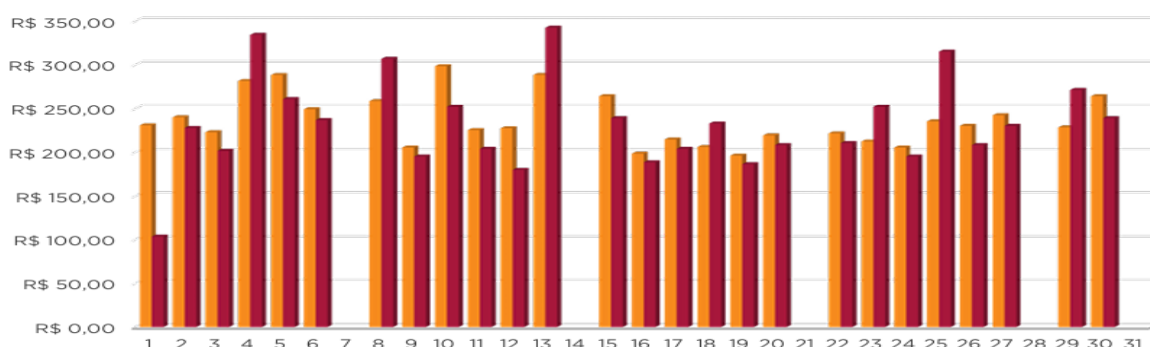
Por consequência, realizar a gestão financeira se torna uma das maiores dificuldades para as empresas de pequeno porte, mas é ela quem pode estimular o progresso do negócio (Aguiar, 2023). Dessa maneira, os passos iniciais para realizar uma boa gestão dos recursos financeiros são: desvincular as contas do indivíduo e do negócio, realizar o planejamento financeiro e gerenciar o fluxo de caixa (Aguiar, 2023). Nessa perspectiva, o setor financeiro da empresa deve ser conduzido com o uso de ferramentas que contribuam para o entendimento e acompanhamento da movimentação dos recursos financeiros do empreendimento (Azevedo e Leone, 2011).

Assim, a gestão dos recursos financeiros com a utilização de métodos e estratégias permite que as empresas perpetuem suas atividades (Aguiar, 2023). Similarmente, Queiroz e Araújo (2024) defendem que para realizar a gestão financeira eficaz são necessárias algumas práticas e ferramentas. No que diz respeito às ferramentas, mencionam-se o fluxo de caixa e o demonstrativo de resultados (Queiroz e Araújo, 2024).

Diante disso, interpreta-se que antes de tudo é preciso realizar o monitoramento de caixa, por meio do registro das entradas e saídas de dinheiro da organização, com o intuito de analisar o real desempenho da empresa, contribuindo para solucionar eventuais desafios financeiros (Banco do Nordeste, 2024). Desse modo, o fluxo de caixa é entendido como uma ferramenta de registro das transações financeiras realizadas e esperadas para momentos vindouros (Banco do Nordeste, 2024). Além disso, como o MEI exerce várias funções na empresa, por não poder ter mais de um funcionário, geralmente é ele quem realiza o controle do fluxo de caixa (Banco do Nordeste, 2024).

A título de exemplificação, a Figura 3 representa um fluxo de caixa de um microempreendedor individual, apresentado pelo Banco do Nordeste (2024). Observa-se que as barras laranjas simbolizam as entradas financeiras e as vermelhas, as saídas (Banco do Nordeste, 2024).

Figura 3 - Fluxo de caixa de um MEI do ramo de comércio varejista de artigo de vestuário



Fonte: Banco do Nordeste (2024).

Diante do exposto, nota-se que na maior parte dos dias as receitas superam as despesas. Contudo, em alguns dias as despesas estão maiores que as receitas (Banco do Nordeste, 2024).

Nessa perspectiva, realizando a análise do fluxo de caixa é possível implementar algumas medidas que mitiguem imprevistos financeiros, a exemplo da utilização de saldo reserva, realizar barganha com fornecedores para adiar pagamentos, ou ainda recorrer ao capital de giro (Banco do Nordeste, 2024). Entretanto, 68% dos MEIs não projetam o fluxo de caixa da sua empresa (DataSebrae, 2018). Ressalta-se ainda que aproximadamente metade dos MEIs realizam o registro

das entradas e saídas de caixa no papel, enquanto que a outra parcela registra em computador ou não fazem o registro (DataSebrae, 2018).

No tocante ao Demonstrativo de Resultados do Exercício (DRE), trata-se de um documento que expõe a performance financeira da organização em um período de tempo delimitado, deduzindo receitas e despesas, a fim de verificar se rendeu lucro ou prejuízo para o negócio (Queiroz e Araújo, 2024). Nessa conjuntura, evidencia-se que mesmo o microempreendedor individual não tendo tantas transações financeiras quanto empresas maiores, realizar um DRE é fundamental, para identificar suas receitas e despesas (Banco do Nordeste, 2024).

Ademais, ferramentas de *softwares* como o ERP (*Enterprise Resource Planning*), por exemplo, contribuem para alimentar relatórios financeiros de forma instantânea, cooperando para uma melhor gestão financeira (Queiroz e Araújo, 2024). Vale ressaltar ainda a inteligência artificial, *blockchain* e análise de dados como ferramentas futurísticas aplicadas na gestão financeira (Queiroz e Araújo, 2024).

Com isso, tem-se no Quadro 3, as principais ferramentas de gestão financeira que podem ser aplicadas no contexto das micro e pequenas empresas, bem como no MEI.

Quadro 3 - Principais ferramentas de gestão financeira

Principais Ferramentas	Autores
Planejamento, orçamento, análise e controle financeiro.	Azevedo e Leone (2011).
Planejamento financeiro e fluxo de caixa.	Aguiar (2023).
Fluxo de caixa, demonstrativo de resultados, ferramentas de software, inteligência artificial, blockchain e análise de dados.	Queiroz e Araújo (2024).
Fluxo de caixa, gestão do capital de giro, gestão do estoque, demonstrativo de receitas e despesas.	Banco do Nordeste (2024)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observa-se então que há uma predominância no que diz respeito ao fluxo de caixa e ao demonstrativo de resultados. Embora o planejamento financeiro também tenha sido mencionado como uma ferramenta, por autores como Azevedo e Leone (2011) e Aguiar (2023), este trabalho adotará a classificação abordada por Queiroz e Araújo (2024), elencando-o como uma prática.

Dessa maneira, as práticas abrangem o planejamento financeiro, monitoramento dos custos, administração do capital de giro, análise de investimentos e gerenciamento de riscos (Queiroz e Araújo, 2024).

Em consonância, para atingir o equilíbrio financeiro, realizar o planejamento financeiro é essencial, uma vez que ele embasa a tomada de decisões assertivas (Silveira *et. al*, 2022). A esse respeito, o planejamento financeiro é compreendido como um guia que orienta, coordena e controla as ações do negócio, permitindo concretizar as metas estabelecidas (Gitman, 2010). Em complemento, planejar-se financeiramente está vinculado à estimativa dos ganhos e gastos atuais e futuros, viabilizando que a organização consiga se precaver de situações diversas (Queiroz e Araújo, 2024).

Monitorar os custos permite potencializar os rendimentos e a consequente longevidade do negócio (Queiroz e Araújo, 2024). Dessa forma, torna-se possível averiguar se os preços cobrados na empresa estão de acordo com os praticados no mercado (SEBRAE, 2024). Nesse sentido, verifica-se a necessidade de realizar a separação dos tipos de custos em fixos e variáveis (SEBRAE, 2024). Enquanto os custos fixos permanecem constantes independente do volume de vendas, como as contas de aluguel e internet, os custos variáveis dependem diretamente da demanda, a exemplo das embalagens e o frete (SEBRAE, 2024).

Concomitante à gestão dos custos, pode ser realizada a gestão do estoque, pois segundo o Banco do Nordeste (2024) essa prática possibilita reduzir custos supérfluos, visto que mitiga prejuízos com estoque demasiado, por exemplo. Sendo assim, faz-se necessário, armazenar os itens de forma adequada, reabastecer conforme necessidades da demanda, realizar inventários, bem como ter um estoque de segurança, com o intuito de prevenir a queda nas vendas por falta de produtos (Banco do Nordeste, 2024). Ademais, em casos de produtos com vida útil limitada, é preciso estar atento às datas de vencimento (Banco do Nordeste, 2024).

Vale destacar que é por meio da administração do capital de giro que a empresa consegue honrar seus compromissos de curto prazo, uma vez que gerencia os recebíveis, estoques e dívidas a pagar, por exemplo (Queiroz e Araújo, 2024). Nesse caso, conceitua-se capital de giro como o dinheiro proveniente das atividades do cotidiano da empresa que servem para mantê-la funcionando (Banco do Nordeste, 2024).

Para Queiroz e Araújo (2024), analisar os investimentos é fator determinante para verificar se os investimentos são rentáveis e possíveis de serem realizados. Nesse sentido, alguns indicadores financeiros podem ser utilizados, como o *Payback* e o *Ticket Médio* (Banco do Nordeste, 2024). Assim, o *Payback* possibilita demonstrar o tempo necessário para quitar determinado investimento; enquanto o *Ticket Médio* visa analisar a performance das vendas, permitindo embasar deliberações e direcionar os investimentos (Banco do Nordeste, 2024).

Por fim, o gerenciamento de riscos é fundamental para reconhecer, avaliar e atenuar os riscos financeiros da organização, uma vez que a maioria das empresas enfrenta riscos diante de alterações em fatores financeiros, a exemplo das taxas de juros (Queiroz e Araújo, 2024; Pinho *et. al*, 2019).

Nesse sentido, este referencial teórico sustenta a base conceitual necessária para o entendimento da temática estudada, bem como auxiliar a interpretação dos dados obtidos ao longo da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo foram abordados os procedimentos metodológicos utilizados na condução deste estudo. Logo, sua composição contém os seguintes tópicos: questões de pesquisa, caracterização do estudo, método de pesquisa, fontes de evidência, unidades de análise, critérios para escolha dos casos, categorias analíticas e elementos de análise, critérios de validade/confiabilidade, e por último, análise dos dados.

3.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Com base nos objetivos específicos, foram desenvolvidas as questões de pesquisa visando direcionar o estudo e satisfazer o alcance do objetivo geral. Desse modo, tem-se como questões norteadoras:

- a) Como se manifesta o conhecimento financeiro dos microempreendedores individuais?
- b) Quais as principais atitudes financeiras dos microempreendedores individuais?
- c) Como os microempreendedores individuais se comportam financeiramente?
- d) Como é feita a gestão financeira dos microempreendimentos?

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo se caracterizou por qualitativo e descritivo, tendo em vista a compreensão de como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais, realizando a descrição e a análise dos casos investigados.

No que diz respeito ao estudo qualitativo, este foi orientado em perspectivas não estatísticas, cujos dados não podem ser enumerados ou mensurados (Richardson, 2012). Adicionalmente, Richardson (2012, p. 30) esclareceu que “(..) opiniões, crenças, atitudes, valores etc. são processos mentais não aparentes. Portanto, para coletar informações, devem-se utilizar instrumentos qualitativos (...)”. Em outras palavras, para obter dados provenientes de atividades cognitivas e psicológicas, faz-se necessário a utilização de técnicas qualitativas.

Sob essa circunstância, almejou-se captar informações, especialmente acerca do conhecimento, atitude e comportamento financeiro dos MEIs e como estes elementos impactam a gestão financeira de seus empreendimentos.

Em complemento, a pesquisa descritiva foca em descrever os atributos do objeto estudado ou em relacionar variáveis; além disso, serve para coletar concepções de um público (Gil, 2008). Nesse sentido, buscou-se por meio desta pesquisa realizar a descrição das características dos entrevistados, bem como instituir relações entre as variáveis em estudo.

3.3 MÉTODO DE PESQUISA

Acerca do método utilizado, esta pesquisa adotou o estudo de casos múltiplos, uma vez que contemplou mais de um caso individual (Yin, 2001). Ao utilizar um estudo de casos múltiplos, os resultados de cada caso podem ser comparados, possibilitando a observância de semelhanças e divergências, o que favorece a busca por padrões (Yin, 2001).

Nesse contexto, define-se por estudo de caso, a pesquisa realizada com alto grau de detalhamento de um ou poucos alvos estudados (Gil, 2008). Dentre os diversos objetivos, contribui com a apuração de circunstâncias do cotidiano, a descrição do fato na realidade pesquisada e o esclarecimento de causas fenomenais que não permitem o uso de outros métodos de pesquisa (Gil, 2008). Em concordância, o estudo de caso pode ser entendido como a investigação de acontecimentos no ambiente real (Yin, 2001).

Assim, a fim de responder ao problema desta pesquisa, buscou-se desenvolvê-la junto a quatro microempreendedores individuais localizados em Sergipe (SE), com o foco em estabelecer a relação existente entre alfabetização financeira e gestão financeira no contexto do MEI neste estado, coletando informações mediante à conjuntura na qual estavam imersos.

Ademais, a princípio foi realizada aplicação de um caso-piloto, em uma das empresas que compõem os múltiplos casos. Logo, o caso-piloto serviu para aperfeiçoar a utilização das fontes de evidências, a fim de verificar a necessidade de adequações antes de realizar os estudos com os demais casos (Yin, 2001).

3.3.1 Protocolo de estudo

De acordo com Yin (2001), o protocolo de estudo serve para instruir o direcionamento do estudo de caso, devendo apresentar uma abordagem ampla da pesquisa, questões norteadoras, procedimentos e instruções para o relatório final. Dito isto, o Quadro 4 expõe o protocolo deste estudo.

Quadro 4 – Protocolo de estudo de caso

Problema de Pesquisa	Como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais?
Unidade de análise	Microempreendedores individuais de Sergipe.
Subunidades de análise	Alfabetização financeira e Gestão financeira dos MEIs.
Organização	Categoria de microempreendedores individuais
Limite de tempo	No ano de 2025.
Fontes de dados e confiabilidade	Triangulação de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e documentos.
Validade dos dados	Manutenção do encadeamento de evidências e utilização da lógica de replicação teórica.
Questões do estudo de caso	Como se manifesta o conhecimento financeiro dos microempreendedores individuais? Quais as principais atitudes financeiras dos microempreendedores individuais? Como os microempreendedores individuais se comportam financeiramente? Como é feita a gestão financeira dos microempreendimentos?
Procedimentos de campo do protocolo (PREPARAÇÃO)	Criar o roteiro de entrevista; Entrar em contato com os MEIs selecionados; Agendar as entrevistas;
Procedimentos de campo do protocolo (AÇÃO)	Solicitar a assinatura do termo de consentimento Realizar as entrevistas; Transcrever as informações coletadas;
Relatório do estudo de caso	Realizar a descrição de cada caso de maneira isolada; Fazer o comparativo entre os casos.

Fonte: Elaborado pela autora (2025), adaptado de Yin (2001).

3.4 FONTES DE EVIDÊNCIAS

A presente pesquisa se identificou por fazer uso de entrevistas e documentos financeiros que comprovassem a forma que são registradas as entradas e saídas dos microempreendimentos, como fontes de evidências.

Logo, a entrevista é entendida como o meio pelo qual se obtém respostas aos questionamentos provenientes da investigação (Gil, 2008). Ainda, de acordo com Gil (2008, p. 109), “(...) é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Ademais, ressalta-se que a entrevista é um tipo de procedimento que possibilita maior interação social, e por isso tende a ser mais apreciado que outros métodos, como o questionário, por exemplo (Richardson, 2012). Em complemento, Gil (2008) destaca que a entrevista por pautas dispõe de um esquema de perguntas que orientam o progresso da entrevista, no entanto, sem comprometer a naturalidade do diálogo.

Desse modo, as entrevistas foram realizadas com os microempreendedores individuais, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada, na plataforma *Google Meet*, com duração média de 1 hora, sob registro de gravação em áudio, consoante autorização. Ressalta-se que foram aplicadas entre os dias 28 de janeiro e 06 de fevereiro de 2025, conforme a disponibilidade dos participantes, uma vez que segundo Yin (2001), deve-se levar em conta a agenda do respondente. Na tentativa de analisar o conhecimento financeiro dos MEIs, foram utilizados casos hipotéticos seguidos de questionamentos.

Quanto aos documentos, estes foram usados de forma complementar na busca por detalhes não esclarecidos mediante a outra fonte de evidências (Yin, 2001). Nesse sentido, os documentos alvos de análise foram os instrumentos de acompanhamento financeiro utilizados, tais como livro caixa, aplicativos e planilhas, de modo a verificar como os MEIs fazem os registros financeiros de seus empreendimentos.

3.5 UNIDADES DE ANÁLISES

Entende-se que a unidade de análise corresponde ao objeto de estudo; salienta-se ainda que quando ocorre a existência de mais de uma unidade de análise,

denomina-se estudo de caso incorporado, que se diferencia do holístico que apresenta apenas uma (Yin, 2001).

Nesse contexto, a unidade de análise escolhida nesse estudo diz respeito aos microempreendedores individuais. Ademais, por se tratar de um estudo de caso incorporado, tem-se como subunidades de análise a alfabetização financeira e a gestão financeira dos MEIs.

3.6 CRITÉRIO PARA A ESCOLHA DOS CASOS

Nota-se que os MEIs tendem a tomar decisões equivocadas em virtude do acúmulo de responsabilidades e da falta de habilidades financeiras (Costa, 2023).

Ademais, conforme Yin (2001), o estudo de casos múltiplos permite realizar comparativo entre as variáveis estudadas, de modo a observar se os resultados se replicam em outros casos.

Com esse intuito, admite-se que a seleção dos quatro casos foi obtida de forma voluntária, mediante o aceite do convite por parte dos MEIs em participar da pesquisa, estando formalizados ou não, considerando seu faturamento anual de até R\$81.000,00, sem sociedades ou participações em outras empresas, nem filiais, com direito a ter até um funcionário (BRASIL, 2006). Além disso, levou-se em conta a diversidade de setores, no intuito de melhor entender o tema em análise.

3.7 CATEGORIAS ANALÍTICAS E ELEMENTOS DE ANÁLISE

Em vista dos objetivos específicos e do referencial teórico que fundamentou esta pesquisa, o Quadro 5 apresenta as categorias analíticas e os elementos de análise, conforme segue abaixo:

Quadro 5 – Categorias analíticas e elementos de análise

Objetivos Específicos	Categorias Analíticas	Elementos de Análise	Questões do Instrumento de Pesquisa
Analisar o conhecimento financeiro dos microempreendedores individuais;	Conhecimento financeiro	- Inflação; - Poupança; - Risco; - Juros.	1 a 4

(continua)

(conclusão)

Objetivos Específicos	Categorias Analíticas	Elementos de Análise	Questões do Instrumento de Pesquisa
Identificar as principais atitudes financeiras dos microempreendedores individuais.	Atitude financeira	- Controle emocional; - Influências socioculturais.	5 e 6
Entender como os microempreendedores individuais se comportam financeiramente;	Comportamento financeiro	- Controle de caixa; - Hábito de economizar; - Imprevistos financeiros; - Gestão das dívidas; - Decisão informada.	7 a 11
Compreender como é feita a gestão financeira dos microempreendimentos.	Gestão financeira em microempreendimentos.	- Organização financeira; - Capacitação financeira; - Dificuldades na gestão financeira; - Registro financeiro; - Planejamento financeiro; - Monitoramento dos custos; - Gestão de estoque; - Administração do capital de giro; - Análise de investimentos; - Gestão de riscos.	12 a 21

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

3.8 CRITÉRIOS DE VALIDADE/CONFIABILIDADE

Yin (2001) estabelece que a qualidade de um estudo de caso pode ser medida por meio de quatro testes: validade do constructo, validade interna, validade externa e confiabilidade.

A esse respeito, a validade do constructo corresponde à necessidade de definir medidas que comprovem a pertinência da pesquisa; a validade interna consiste em inferir consequências e relacioná-las com possíveis causas, contudo não se aplica para estudos descritivos ou exploratórios; a validade externa condiz na capacidade de poder replicar os resultados de um estudo; já a confiabilidade equivale ao processo de outra pessoa executar os mesmos procedimentos de um determinado estudo de caso e descobrir os mesmos achados (Yin, 2001).

Diante do exposto, considera-se que neste estudo foram utilizados os testes de validade do constructo, validade externa e confiabilidade. Para o teste de validade de

constructo, seguiu-se o princípio de manutenção do encadeamento de evidências, enfatizando a transparência no processo, desde os questionamentos de origem até as conclusões; a validade externa foi obtida por meio da utilização da lógica de replicação teórica, conduzindo o estudo de casos múltiplos, na tentativa de gerar resultados dessemelhantes por fatores previstos; e, por fim a confiabilidade se alcançará com o uso do protocolo de estudo de caso (Yin, 2001), vide Quadro 4.

3.9 ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo utilizou a técnica de análise cruzada de casos, que consiste na apresentação dos casos individuais, seguida do cruzamento dos resultados obtidos entre os casos (Yin, 2001). Ademais, também se fez uso da triangulação de dados, utilizando mais de uma fonte de evidências, com o intuito de validar as informações coletadas pelas demais fontes (Yin, 2001).

Nesse sentido, cada caso foi analisado de forma individual, considerando os dados capturados nas entrevistas e documentos disponibilizados, visando observar os impactos da alfabetização financeira na gestão financeira de cada MEI. Em seguida, foi realizada uma análise comparativa entre os casos, buscando verificar similaridades ou divergências e assim identificar padrões que proporcionassem formar conclusões.

4 DESCRIÇÃO DOS CASOS

Este capítulo compreende a descrição dos casos investigados nesta pesquisa. Tendo em vista a manutenção do anonimato dos participantes das entrevistas, seus nomes foram substituídos pelas letras A, B, C e D, de modo que cada uma representa um dos microempreendedores individuais.

4.1 CASO A

O microempreendedor A sempre enxergou o empreendedorismo como uma possibilidade válida para a vida. Na busca de ter o seu próprio dinheiro, para resolver situações pessoais, quando adolescente vendeu ovos de capoeira e realizou serviços de cópia e impressão em sua lojinha na área de informática.

Em 2017, concluiu o ensino médio e logo após, passou um tempo morando em São Paulo, em uma realidade totalmente diferente da que estava habituado no interior sergipano. Trabalhou por um tempo em uma escola de inglês e posteriormente em uma rede de lojas varejista, como operador de loja, sendo logo promovido a encarregado de operações. E então, ao retornar para sua terra natal, com uma nova mentalidade, decidiu investir no seu empreendimento atual.

Hoje, casado, com 2 filhos, aos 24 anos, possui uma lanchonete localizada em Indiaroba - SE, onde comercializa lanches e açaí. Pensando em atender seu público-alvo, os lanches possuem duas categorias: tradicionais e artesanais.

Os tradicionais por serem mais baratos tem como público-alvo o povo nativo da região, que em sua maioria retira seu sustento da pescaria ou dos frutos do manguezal; e a minoria que trabalha na prefeitura ou em embarcações realizando a travessia de pessoas ao outro lado do rio. Já os artesanais, por exigirem um poder aquisitivo maior, são voltados aos turistas e aos chamados veranistas, que embora possuam casas no povoado, trabalham em outras cidades e vão à localidade a passeio em finais de semana ou feriados, por exemplo.

Ainda, são disponibilizados combos com lanches, batatas fritas, refrigerante ou suco. Ademais, na parte da açaiteria, além dos açaís, oferece sorvetes e uma variedade de complementos, que vão de cremes a *marshmallows*.

Atualmente, seu principal meio de atendimento é o espaço físico, porém conta também com serviços de *delivery* e retirada no balcão. Apesar de haverem outros

vendedores de lanches e açaí no povoado, o microempreendedor A não os considera concorrentes diretos, diante do tamanho do seu público e por eles não possuírem um espaço físico tão amplo quanto o seu. Ademais, seu empreendimento não dispõe de nenhum funcionário formal e seu registro como MEI data de 2020.

4.1.1 Conhecimento financeiro

O microempreendedor A demonstra afinidade com a matemática e sapiência acerca da inflação, entendendo como ela interfere nos preços dos produtos. Assim, considerando a precisão de seu cálculo, se aplicada a inflação de 10% ao longo do ano sobre um produto que custa R\$70,00 no início do ano, o produto deverá custar R\$77,00 no final do ano.

Se tivesse que escolher entre guardar R\$2.000,00 disponíveis na poupança ou investir em equipamentos novos, optaria por investir no negócio, uma vez que no seu entendimento a poupança não é um bom investimento financeiro, pois não rende muito. Seu posicionamento denota incompreensão da relevância de ter uma reserva financeira.

Não obstante, tem plena consciência da existência de riscos, mas opta por assumi-los, já que considera que para o seu negócio, o risco não seria grande se optasse em investir na compra de equipamentos.

Outrossim, evidencia-se novamente sua habilidade aritmética, dispensando o uso de ferramentas auxiliares como calculadoras, além de exteriorizar seu entendimento sobre juros. Desse modo, considerando a tomada de empréstimo de R\$5.000,00, com uma taxa de juros simples de 5% ao mês, com pagamento único ao final de um período de 6 meses, pagaria mil e quinhentos reais de juros.

4.1.2 Atitude financeira

Acerca do controle emocional, suas decisões financeiras são mais fundamentadas em impulsividade, tendendo a agir de maneira repentina, impulsionado pela emoção. Para contextualizar, no início sua empresa funcionou em um dos quartos da casa de seus pais por aproximadamente 2 anos. Na sequência, viu a possibilidade de ir para um espaço maior, onde iria precisar pagar aluguel, uma vez que não pagava a seus pais. E tomou essa decisão no intuito de desenvolver sua

empresa. No fim, sua escolha deu certo. Então, concluiu que se tivesse esperado a hora certa, talvez poderia ter levado mais tempo.

Além disso, após passar um período nesse local alugado, decidiu ir para um outro espaço novamente da família. Nesse sentido, suas escolhas foram impulsivas, já que não levou em conta o dinheiro que possuía em caixa, mas sim idealizando o que conseguiria com o trabalho desenvolvido no novo local, reconhecendo também que enfrentou um grande risco.

No tocante aos fatores influentes, não costuma ser influenciado por promoções, por exemplo. Apenas está acostumado a gastar em situações consideradas urgentes, diante da necessidade, revelando sofrer influências do contexto econômico ao qual está inserido.

4.1.3 Comportamento financeiro

Em relação ao monitoramento das suas transações financeiras, o controle geralmente é feito no dia a dia, anotando tudo que entra e o que sai. Mas, em algumas ocasiões, não executa da maneira adequada, tendo em vista que nos finais de semana, quando há um maior fluxo de clientes em sua empresa, não tem condições de realizá-lo.

No que se refere ao hábito de economizar, o microempreendedor A não consegue realizar uma reserva financeira periódica por conta de o empreendimento ser novo, então prefere investir a ter que poupar.

Desse modo, quando surgem imprevistos financeiros e não é capaz de lidar sozinho, costuma recorrer a familiares e amigos ou ao cartão de crédito. No entanto, até o momento, não lhe aconteceu nenhum imprevisto de grande porte.

O microempreendedor A costuma gerenciar as suas dívidas, priorizando o pagamento à vista e utilizando o cartão de crédito apenas em raras situações, assim consegue pagá-las em tempo hábil.

Ademais, por já possuir uma rede de fornecedores confiáveis, considerando a sua experiência no ramo alimentício, não costuma buscar informações em outras fontes, pois não vê necessidade, acreditando que os provedores que possui já são suficientes para atender às suas demandas com segurança. Sendo assim, as decisões são baseadas em informações já conhecidas, sem explorar novas possibilidades.

4.1.4 Gestão financeira do microempreendimento

No que diz respeito à organização financeira, apesar de reconhecer a importância de realizar a separação das contas pessoal e empresarial, o microempreendedor A não realiza ainda. Isso porque, de forma simultânea à abertura da empresa, muitos acontecimentos ocorreram em sua vida pessoal. A princípio sua esposa engravidou, gerando gastos inesperados. Nesse contexto, percebeu a necessidade de ter sua casa própria, tendo em vista que moravam na casa de seus pais. Contudo, não possuíam dinheiro para comprar uma casa.

Além disso, a empresa estava no mercado a pouco tempo, sem mencionar o fato de estarem em um povoado e as vendas serem sazonais, tendo seu pico maior no verão. Logo em seguida, também veio o segundo filho. Então com todos os gastos com a casa, filhos e outras situações, houve uma confusão entre o dinheiro pessoal e o da empresa, e até hoje não conseguiu realizar essa separação. No entanto, há uma pretensão em executar o quanto antes.

O microempreendedor A nunca realizou uma capacitação voltada para a área financeira, embora já tenha participado de uma palestra desenvolvida pela prefeitura, possua livros e siga alguns perfis nas redes sociais associados à área.

Resumidamente, sua maior dificuldade na gestão financeira consiste na separação das contas física e jurídica, levando em consideração que o dinheiro que entra ainda não é suficiente para pagar o seu pró labore. Um outro exemplo diz respeito à quando precisa realizar compras. Devido à distância entre sua localidade até a cidade onde faz as compras, geraria um gasto maior se tivesse que ir duas vezes comprar para casa e para empresa, então em muitos casos realiza tudo em uma aquisição só.

O microempreendedor A tem conhecimento sobre ferramentas financeiras como o DRE e o fluxo de caixa, porém não faz uso. Por considerar mais simples, os registros financeiros são realizados em uma ferramenta elaborada por ele, com inspiração em uma que utilizou quando trabalhou em uma empresa em São Paulo.

Trata-se de uma planilha em Excel que contém data, meta, realizado, número de clientes e *Ticket* Médio. A meta utilizada tem como referência o realizado no ano anterior. Além disso, possui uma coluna destinada a calcular a diferença entre a meta e o realizado, a fim de visualizar se conseguiu atingir ou não o esperado. Então serve

para que consiga mensurar e bater suas metas, de modo a cooperar com o crescimento do seu empreendimento.

Arelado ao problema de não conseguir separar o pessoal da empresa, não possui um planejamento financeiro. Mas sabe a importância de se ter um e espera conseguir realizá-lo em breve. Nessa conjuntura, atualmente, tudo que precisa ser feito na empresa vai fazendo aos poucos.

O microempreendedor A conhece e monitora os custos fixos e variáveis de seu negócio. Como fixos, tem-se um funcionário que mantém de maneira informal, por enquanto que não consegue assinar sua carteira de trabalho. Além disso, considera-se as contas de água, energia e Internet. Para os custos variáveis, destaca-se os custos com manutenção de equipamentos, como balança, freezer e balcões, quando há precisão; e matéria-prima, variando conforme a demanda. Desse modo, quando observa que a maioria ou quase todos os insumos sofrem variações em seus valores, realiza o reajuste dos preços e renova o seu cardápio, a fim de não ser prejudicado.

Referente a gestão do estoque, baseia-se apenas na observação, uma vez que desconsidera a necessidade de manter um estoque grande e por isso dispensa o uso de uma ferramenta. Assim, faz a reposição semanalmente, conforme vê que os produtos estão acabando.

Vale ressaltar que o microempreendedor A administra o seu capital de giro, sendo capaz de identificar o valor necessário para manter suas atividades funcionando, tendo uma noção ao observar a matéria-prima e os custos fixos. Com isso, todo o dinheiro acumulado durante a semana destina-se à reposição do estoque para o final de semana quando tem maior rentabilidade. Já o capital conquistado no final de semana é destinado uma parte para repor o estoque e a outra para pagar as contas.

Ademais, o microempreendedor A não costuma analisar um investimento antes de tomar decisões. Nesse contexto, exemplifica-se que quando estava no espaço alugado, ele não tinha nenhum equipamento e também pagava aluguel pelo uso deles. Foi quando cogitou em voltar para um espaço da família, onde o aluguel seria dispensado, e teria que comprar seus próprios equipamentos, mas não pensou muito no retorno que teria, apenas que precisaria deles.

Por fim, a potencial concorrência e a falta de inovação são os únicos riscos reconhecidos pelo microempreendedor A. Apesar de não identificar a existência de concorrentes diretos, ele informa que possui estratégias como qualidade, divulgação,

preço, inovação e o tratamento com o cliente, para enfrentar os demais empreendimentos do setor alimentício da região que possam ameaçar o seu negócio.

4.2 CASO B

Solteiro, aos 29 anos, o microempreendedor B possui ensino superior completo. Em 2020 tornou-se bacharel em Administração, sendo o seu curso a razão que o levou a empreender. Além da graduação, o microempreendedor B realizou os cursos de Informática, Auxiliar em Administração e Assistente Administrativo.

Antes de abrir o seu próprio negócio, trabalhou como operador de caixa em um restaurante. No entanto, por volta do terceiro período da faculdade, despertou-lhe o interesse e viu-se capaz de empreender. Nesse sentido, foi mais uma questão de oportunidade.

Localizado em Aracaju - SE, seu empreendimento surgiu em 2019. Atuante no comércio varejista, sem funcionário formal, tem como foco principal a venda de calçados. O seu público-alvo majoritário é o popular, mas também atende uma pequena parcela considerada de alto padrão.

Os calçados dispostos em seu empreendimento são voltados aos públicos masculino, feminino e infantil. Buscando atender a diversidade de necessidades e desejos, comercializa tênis com estilo esportivo, esporte fino e casual, bem como sandálias, todos multimarcas.

Seu negócio funciona apenas na modalidade *online*, com entregas em domicílio, prestando assistência quando for preciso. Dessa maneira, o espaço físico da empresa serve como galpão para estocar os produtos até serem vendidos.

Ademais, são muitos os concorrentes do microempreendedor B, desde vendedores autônomos a empresas varejistas. Nesse sentido, seus diferenciais consistem em comercializar calçados que proporcionem conforto, considerando que alguns tênis e sandálias são constituídos por EVA, mesmo material ortopédico, mantendo ainda os preços acessíveis.

4.2.1 Conhecimento financeiro

Caso um produto de R\$70,00 sofra inflação de 10% ao longo do ano, para o microempreendedor B, ele custará R\$77,00, bastando multiplicar o valor inicial pela

inflação e em seguida somar o resultado com o valor inicial. Com isso, nota-se a compreensão de como a inflação afeta os preços dos produtos, bem como a sua destreza numérica.

Relacionado à poupança, em face do poder decisório entre guardar R\$2.000,00 ou investir no negócio, não houve dúvidas quanto ao investimento em maquinário, considerando o retorno que poderia lhe dar e desprezando a significância de possuir um capital de segurança.

Ainda, avalia o risco de investir no maquinário como baixo e entende que o investimento pode lhe render lucro. A ressalva seria se considerasse o caso em que encerrasse as atividades da empresa, tendo em vista que o equipamento ficaria sem utilidade e vendê-lo seria a solução. Nessa perspectiva, expressa discernimento relativo ao risco, mesmo preferindo encará-lo.

Por fim, correspondente aos juros, tomando um empréstimo de R\$5.000,00 a uma taxa de juros simples de 5% ao mês em 6 meses, deveria pagar em parcela única um total de R\$7.500,00, sendo R\$2.500,00 de juros. Ressalta-se que apesar do esforço em realizar o cálculo mentalmente, o erro indica que ainda há dificuldades no entendimento do assunto.

4.2.2 Atitude financeira

O microempreendedor B mantém o controle emocional, pois entende que suas decisões financeiras são mais fundamentadas em planejamento, levando em consideração que atitudes impulsivas não lhe permitem mensurar quanto e como vai ter algo. Desse modo, por ser movido mais pela razão, não costuma fazer compras quando está se sentindo estressado, ansioso, feliz ou eufórico, por exemplo, sempre pensando nas consequências financeiras.

O único fator que impulsiona suas decisões relacionado ao uso do dinheiro no cotidiano são as contas, pois possui um perfil conservador. Assim, não tende a ser influenciado por quaisquer influências socioculturais, tais como amigos, familiares, colegas ou influenciadores digitais, a realizar uma compra que não esteja efetivamente necessitado, uma vez que habitualmente busca verificar as vantagens que irá lhe proporcionar.

Nesse sentido, sempre que se depara com a dúvida entre adquirir ou não determinado item, utiliza a tática de dividir o valor da potencial compra pelo

faturamento do dia. Ainda que não seja da maneira correta, considerando que deveria dividir pela margem líquida, consegue ter uma métrica que permite avaliar se é exequível ou não, já que lhe mostra uma média de quantos produtos teria que vender para pagar aquela aquisição.

4.2.3 Comportamento financeiro

No que tange ao controle das transações financeiras, o microempreendedor B realiza o acompanhamento diariamente, principalmente as transferências via pix. Além disso, com o auxílio de um aplicativo monitora suas receitas e despesas, tal como o saldo inicial, atual e previsto para cada mês.

Por não ter uma renda fixa e haver uma variabilidade nas vendas em alguns meses, não é possível realizar uma reserva financeira periodicamente, uma vez que um mês supre o outro. Com isso, enfatiza-se que não está habituado a economizar, destacando que teoricamente funciona bem, mas na prática é diferente.

Nessa conjuntura, ao se deparar com imprevistos financeiros, em caso da sua reserva não comportar, costuma recorrer a empréstimos e ao cartão de crédito, ou em casos mais extremos procura o banco.

O microempreendedor B consegue gerenciar suas dívidas, valendo-se da estratégia de anotações conforme vai contraindo-as, assim consegue realizar os pagamentos nas datas previstas. Ademais, o aplicativo que utiliza possui uma função que permite lembrar os próximos pagamentos a serem efetuados, facilitando o gerenciamento.

Além disso, antes de realizar uma compra, consulta principalmente os colegas que já compraram aquele item de interesse ou faz uma pesquisa sobre a empresa na Internet. Só assim, arrisca-se a comprar. Nesse caso, suas decisões são informadas, se apoiando em feedbacks e na análise do mercado.

4.2.4 Gestão financeira do microempreendimento

Embora reconheça que ter organização financeira seja um aspecto importante para o microempreendimento, tendo em vista possuir formação em Administração, o microempreendedor B não realiza a separação da sua conta pessoal da conta da empresa, diante da dificuldade de colocar em prática.

No que se refere a capacitação financeira, antes de cursar a graduação, já havia realizado outros cursos de assistente e auxiliar. E tanto na faculdade, quanto fora dela participava de grupos de pesquisa voltados para a área financeira.

A principal dificuldade enfrentada na gestão financeira do seu negócio corresponde a aplicação da teoria na prática, uma vez que a teoria apresenta os mecanismos que precisa utilizar, mas na prática tudo envolve dinheiro.

O microempreendedor B conhece ferramentas financeiras como o demonstrativo do resultado do exercício e o fluxo de caixa. No passado, elaborava algo semelhante ao DRE, por meio do computador, onde fazia anotações sobre o custo da mercadoria vendida, lucro e outras informações. Mas, atualmente utiliza o celular, em decorrência de um imprevisto, onde calcula as entradas e as saídas, mediante um aplicativo de finanças pessoais, de forma automatizada. Entre as diversas funcionalidades do aplicativo, tem-se fluxo de caixa, gráficos de receitas e despesas, relatórios, lembretes de pagamentos, detalhamento do saldo, economia mensal e entre outros.

Referente ao uso do planejamento financeiro, o microempreendedor B prefere simplificar e possui uma meta, a qual cria estratégias para alcançá-la, mas um planejamento propriamente dito, não. Então, estabelece uma quantidade x de produtos a serem vendidos para conseguir arcar com os custos e reservar um valor. Assim, quando percebe que não vai conseguir bater sua meta, tenta impulsionar as vendas apelando ao marketing.

Entendendo a classificação dos seus custos, tem-se como fixos o plano mensal do celular utilizado para as vendas *online* e o aluguel do local físico onde ficam armazenados o estoque dos produtos. Já em relação aos custos variáveis considera-se apenas o *motoboy*, tendo em vista a variação da taxa cobrada diante dos locais das entregas e os produtos que comercializa. Nesse contexto, o microempreendedor B monitora seus custos e, à medida que observa que houve variações nos valores, incorpora no preço final.

No início, quando o estoque da empresa era menor, não havia gerenciamento. Por um tempo, tentou gerenciar por meio de uma planilha em Excel, a qual se tinha informações sobre data, produto, custo da mercadoria vendida e o lucro líquido. No entanto, atualmente, detém dados apenas do lucro líquido.

O microempreendedor B é capaz de identificar o valor necessário para que a empresa mantenha suas atividades funcionando, realizando a estimativa com base

na demanda, levando em consideração quantos produtos deve manter em seu estoque e a previsão de vendas. Sendo assim, consegue ter um controle básico e administrar seu capital de giro, garantindo que tenha sempre um valor para investir em produtos e que esteja compatível com as necessidades do mercado.

Além disso, costuma analisar um investimento antes de tomar uma decisão. Seguindo sua linha de raciocínio, avalia quanto da receita tem disponível para pagar as despesas, verificando também a compatibilidade dos juros, assim como o tempo que pode levar para ter um retorno.

Contudo, não gerencia os riscos inerentes ao seu negócio, mas reconhece que são grandes, considerando que pode ser apreendido pela Receita Federal, uma vez que seus produtos são réplicas de marcas formais conhecidas. Então enfrenta os riscos, sem descartar a possibilidade de não receber a mercadoria.

4.3 CASO C

Aos 43 anos, a microempreendedora C é casada, tem 2 filhos, possui o ensino médio completo e não teve nenhuma experiência relevante anterior à abertura do seu empreendimento, tendo trabalhado apenas por 1 mês em uma loja de calçados.

Sem querer deixar seus filhos pequenos com terceiros, optou por abrir o seu próprio negócio. Assim teria uma maior flexibilidade para trabalhar e cuidar das crianças. Nesse contexto, empreende desde 2008, em um salão de beleza, após concluir o curso de cabeleireira nesse mesmo ano. Por conseguinte, em 2021, aprofundou os conhecimentos como terapeuta capilar, com foco no tratamento de patologias do couro cabeludo.

O salão fica localizado no centro de Estância - SE, em um espaço na sua residência, onde atende o público popular feminino, oferecendo serviços de corte, escova, tratamento do couro e fio, alisamentos e coloração. Além disso, vende protocolos de tratamentos especializados, como shampoos, máscaras, perfumes, óleos capilares e reparadores.

Ressalta-se que o atendimento é realizado mediante agendamento prévio, em virtude de a microempreendedora C exercer todas as atividades sozinha, pois não dispõe de funcionário formal, além do espaço físico não ser tão amplo. Assim, realiza os agendamentos via WhatsApp, divulga seus produtos e serviços nas redes sociais,

atua na parte operacional executando o serviço, e demais atividades administrativas do negócio.

No tratante à concorrência, o único salão mais próximo ao seu é voltado ao público masculino. Logo, costuma ter uma boa clientela, que além de se fidelizar aos seus serviços faz indicação a terceiros.

4.3.1 Conhecimento financeiro

A microempreendedora C expressa baixa habilidade matemática, mas consegue assimilar como a inflação exerce impacto sobre o valor de um produto. Assim, se no início do ano, um produto custava R\$70,00, diante da inflação de 10%, ele custará R\$80,00 no final do ano, de acordo com seu palpite.

Para a microempreendedora C é preferível investir uma quantia de R\$2.000,00, focando na rentabilidade que terá, a ter que guardar na poupança, deixando o dinheiro parado, sem lhe render nada. Contudo, se ela não tiver nenhuma economia em conta, prefere guardar metade e investir a outra parte. Nesse contexto, demonstra consciência sobre a importância de ter uma reserva de capital.

Ainda, foi reconhecido que investindo em seu negócio, os riscos envolvidos seriam potencialmente maiores, considerando que o baixo movimento no salão pode não trazer retorno ao investimento e assim poderia perder a quantia investida. Logo, utilizaria estratégias para abordar as clientes, na tentativa de mitigar a incidência do risco.

Outrossim, a microempreendedora C, apresenta baixa compreensão no que tange aos juros, demonstrando insegurança, bem como dificuldade em efetuar cálculos mentais, valendo-se do auxílio da calculadora. Assim, caso precisasse contrair um empréstimo de R\$5.000,00 a uma taxa de juros simples de 5% ao mês, em 6 meses pagaria no total R\$6.500,00, em parcela única ao final do período.

4.3.2 Atitude financeira

Para a microempreendedora C, tudo é questão de hábito. Nessa conjuntura, no que diz respeito ao controle emocional, antes ela se considerava bem mais impulsiva do que hoje em dia. Dessa forma, costumava fazer aquisições como um meio de descontar as emoções que vivenciava no momento. No entanto, devido aos

cursos que vem realizando e das reuniões semanais que participa no Instituto Renovar (uma escola voltada para profissionais de beleza), tem aprendido a planejar e analisar se consegue honrar com o pagamento da pretensa aquisição.

Portanto, atualmente, segundo ela, suas decisões financeiras são 70% fundamentadas em planejamento, já que às vezes ainda perde o controle da situação, mas ainda assim evita gastos desnecessários.

Assim também, seu ciclo social exercia influência sobre ela, de tal modo que muitas vezes adquiriu bens mesmo sem está precisando, unicamente porque alguém do seu convívio lhe convenceu a comprar. Todavia, o que mais influencia a microempreendedora C a tomar decisões financeiras no dia a dia, no momento, tem sido o seu empreendimento. Nos períodos de maior clientela, empolgada com as vendas, tende a investir no negócio e com isso gasta além do planejado. Desse modo, a sua ocupação profissional influi nos seus gastos, sendo condicionada pelo ambiente ao qual está imersa.

4.3.3 Comportamento financeiro

Durante a semana, a microempreendedora C realiza o acompanhamento de todo valor que entra e sai do seu empreendimento, mediante anotações em um livro caixa. Este método aprendeu em três cursos que, curiosamente, iniciou voltados para gestão de salão de beleza, mas não concluiu nenhum deles, pois esqueceu de terminar ou perdeu o interesse antes de concluí-los.

Sempre que possível, realiza uma reserva financeira. Logo, mesmo que seja pouco, mantém o hábito de economizar. Ademais, quando precisa lidar com imprevistos financeiros e sua reserva não dá conta, prepara estratégias de vendas, como descontos ou combos, por exemplo. Com isso, evita recorrer a empréstimos e amigos, pois prefere se virar sozinha, dando o seu jeito.

Por conseguir gerenciar as suas dívidas, em virtude dos registros que realiza, seus pagamentos sempre são feitos respeitando o prazo de vencimento. Por isso que também não abre mão de ter sempre uma reserva financeira, considerando que se em determinada época não tiver a quantia necessária, tem onde recorrer.

Além disso, as decisões da microempreendedora C são informadas, dado que sustenta o ato de pesquisar antes de fazer uma compra, como uma forma de se prevenir caso algo fuja dos padrões e tenha onde reclamar. Então, sempre que vai

comprar um produto, por exemplo, procura estudar sua qualidade e as procedências dos fornecedores.

4.3.4 Gestão financeira do microempreendimento

Teoricamente, a microempreendedora C realiza a separação das contas física e jurídica da empresa, fazendo anotações, com o intuito de no final do mês saber quanto será seu pró labore. Entretanto, mesmo entendendo que não é o certo a se fazer, sabendo que o dinheiro da empresa é diferente do dinheiro pessoal, por vezes tende a realizar retiradas acima da capacidade da empresa, não executando a organização financeira de forma adequada. Assim, quando o dinheiro entra na conta da empresa, no lugar de guardar e realizar a separação no final, ela vai utilizando para pagar suas contas pessoais. Somente depois de pagar todas as suas dívidas, vai deixando o dinheiro que entra na conta jurídica, como uma espécie de devolução.

Quanto a capacitação financeira, não houve interesse em participar de algo que aprofundasse os conhecimentos na área. Em todas as vezes que tentou realizar um curso, foi voltado para a gestão geral do salão de beleza. Isso porque, quando se trata da área financeira, a microempreendedora C se vê incapaz de conseguir assimilar os conteúdos e pôr em prática, principalmente diante de situações que ela precisar utilizar os recursos e ter que lidar com a disciplina.

A principal dificuldade enfrentada na gestão financeira desse microempreendimento, consiste na precificação dos seus serviços. Realizar cálculos matemáticos gera um certo desconforto na proprietária, em busca de saber quanto será o seu lucro ou quantas aplicações o produto irá lhe render, bem como associar com os gastos do salão.

Desconhecendo do que se trata um demonstrativo de resultados do exercício ou um fluxo de caixa, os registros financeiros são realizados no livro caixa, onde faz anotações sobre as entradas e saídas da empresa, permitindo-lhe ter uma noção do seu saldo diariamente.

Realizar um planejamento financeiro ainda se configura algo fora da realidade da microempreendedora C. Para ela, o que a impede de implementá-lo seria um maior compromisso com o seu negócio, considerando sua atuação como participante de projetos no Instituto Renovar, onde consegue ter acesso às ferramentas precisas, além de receber orientações nos cursos que realiza sobre gestão.

A proprietária classifica, de modo equivocado, a água e a energia como os principais custos fixos do seu microempreendimento, sem observar que por se tratar de um salão de beleza, estes custos variam conforme a demanda. Assim, entende que os produtos são os únicos custos variáveis, tendo em vista a sua reposição recorrente. Apesar do equívoco, monitora os custos, de modo que sempre que ocorrem oscilações em seus valores, reajusta os preços dos seus serviços.

Com medo da mercadoria perder o prazo de validade, mantém um estoque baixo, e por isso não realiza gerenciamento. Há apenas dois itens disponíveis de cada produto. Assim, conforme vão acabando, ela vai repondo.

A microempreendedora C não consegue estimar o valor necessário para que sua empresa continue funcionando. Na verdade, nunca parou para pensar no assunto. No entanto, destina uma reserva financeira para casos de imprevistos. Logo, embora não administre completamente seu capital de giro, consegue honrar com os compromissos financeiros sem comprometer o funcionamento do negócio.

Sem o hábito de analisar um investimento antes de tomar uma decisão, pensa apenas em criar estratégias para vender o produto. Mas ao comprar, não analisa antecipadamente quanto e quando poderá lhe retornar.

Embora lide com os riscos na prática, a microempreendedora C não tem plena consciência de que realiza o gerenciamento dos riscos do seu negócio. Assim, apesar de manifestar que nunca houve interesse ou sequer cogitou a pauta, e, portanto, não conhece, nem avalia, tampouco gerencia os riscos, ela adota medidas intuitivas para mitigar prejuízos ao se deparar com situações desafiadoras em seu empreendimento.

4.4 CASO D

Em decorrência dos seus problemas de saúde, a microempreendedora D empreende desde 2013 em sua residência, localizada em Aracaju - SE. Como não conseguia trabalhar fora de casa, resolveu abrir seu próprio negócio.

Atualmente, aos 62 anos, a microempreendedora D está casada. Com o ensino fundamental incompleto, estudou até a 4ª série, uma vez que o interior onde morava não dispunha de séries escolares mais avançadas.

Dona de um microempreendimento, trabalha sozinha em seu negócio voltado ao comércio varejista de perfumes, hidratantes, sabonetes e peças íntimas. Seu

público-alvo abrange o masculino, feminino e infantil, comercializando para amigos, familiares e conhecidos, tanto marcas nacionais, quanto importadas.

O atendimento funciona de forma *online* via *WhatsApp* ou presencial. Após folhear o catálogo, o cliente faz seu pedido e caso tenha em seu estoque faz a entrega naquele momento ou informa a data de recebimento do produto. Além dos itens avulsos, a empresária também prepara kits para comercializar.

Evidencia-se que, hoje em dia, atua na informalidade, em virtude do cancelamento da sua inscrição como MEI pela Receita Federal. O motivo se deu por conta da falta de pagamento de impostos, que somente foi descoberto quando buscou um empréstimo e lhe foi negado.

Entre seus principais concorrentes estão as grandes redes varejistas da região que por comprarem e venderem em grande quantidade, revendem a um preço abaixo do mercado; e outros revendedores autônomos, que utilizam a Internet para atrair clientes, tendo em vista que a microempreendedora D possui dificuldades em trabalhar nesse meio.

4.4.1 Conhecimento financeiro

No que diz respeito à inflação, a microempreendedora D desconhece o impacto que pode causar nos preços dos produtos, bem como apresenta dificuldades em realizar cálculos matemáticos.

Se tivesse que optar entre investir ou guardar na poupança uma quantia equivalente a R\$2.000,00, sua decisão seria investir em produtos, aproveitando os períodos promocionais. Ou então, guardaria para suprir as necessidades, demonstrando compreender a importância de ter uma reserva financeira.

Quanto ao risco, ignora a sua existência, pois acredita que é muito mais viável aproveitar promoções para repor o seu estoque e conseguir repassar o desconto ao cliente final, para assim aumentar suas vendas.

No que tange aos juros, em virtude da interrupção em seus estudos, não compreende como deve calcular para descobrir os juros resultante da contração de um suposto empréstimo.

Em síntese, a microempreendedora D não consegue raciocinar qualquer situação que envolva inflação, risco ou juros, apresentando dificuldades tanto na

interpretação desses temas, quanto na prática executando os cálculos e suas respectivas análises.

4.4.2 Atitude financeira

A microempreendedora D, acredita que suas decisões financeiras são mais fundamentadas em planejamento, alegando não efetuar nenhum gasto extra, com exceção dos seus remédios. E em casos de extrema necessidade, se planeja para não dividir a compra em muitas parcelas, por exemplo. No entanto, apresenta um descontrole emocional no sentido financeiro, posto que sente a necessidade de aproveitar promoções, com medo de perder a oportunidade, tomando decisões rápidas sem analisar os riscos de algo que parece vantajoso, na tentativa de agradar os clientes com preços mais baixos.

Outrossim, o contexto socioeconômico ao qual está inserida exerce influência em seus gastos. Com isso, sempre que um amigo, familiar ou conhecido enfrenta alguma situação financeira negativa costuma ajudar mesmo não dispondo de recursos no momento, endividando-se, em ato de solidariedade.

Ademais, outro fator que tende a influenciar a gastar no dia a dia é a sua saúde, que a faz comprar remédios, pagar exames ou ir ao médico. Ainda, quando precisa comprar uma roupa, uma sandália ou um artigo pessoal que esteja necessitada, considerando que não tem quem lhe forneça.

4.4.3 Comportamento financeiro

Antes do advento do pix, a microempreendedora D monitorava as transações financeiras da empresa guardando o dinheiro que recebia em espécie, em potes separados, de acordo com o produto que era vendido. Assim, quando precisava fazer um pagamento, retirava o dinheiro do pote e o que sobrasse entendia ser o seu lucro. No entanto, hoje em dia, ela não sabe acompanhar as movimentações financeiras, uma vez que a maioria dos clientes faz o pagamento via pix.

Outrossim, não é feita uma reserva financeira periódica, tendo em vista que nunca sobra dinheiro ao final do mês, impossibilitando que mantenha um hábito de economizar. Por isso, quando se depara com imprevistos financeiros, não vê outra

saída a não ser esperar para realizar uma venda, e à medida que vai recebendo, vai pagando suas dívidas.

Dessa forma, nem sempre consegue realizar os pagamentos em tempo hábil, pois nem sempre consegue vender. Além disso, as únicas formas de pagamento aceitas em seu empreendimento são dinheiro ou pix, já que não trabalha com cartão de crédito, e geralmente vende na caderneta, ou seja, sem pagamento imediato. Com isso, fica à mercê da honestidade dos clientes e não consegue gerenciar bem as suas dívidas.

Por já considerar seus fornecedores seguros, tendo em vista ser revendedora de marcas conhecidas como Natura, O Boticário e DeMillus, suas decisões são informadas com base na confiança e experiência prévia, pois não costuma buscar informações antes de realizar uma compra no tratante ao empreendimento.

4.4.4 Gestão financeira do microempreendimento

Referente a organização financeira, não há dissociação entre as contas da empresa e a pessoal. Todo o dinheiro que recebe é destinado a pagar as contas independente da origem, seja na compra de suprimentos para empresa ou de ordem particular. Logo, como nunca fez a separação, não tem conhecimento de quanto do dinheiro seria efetivamente seu.

Ademais, a microempreendedora D não realizou nenhum tipo de capacitação voltado para área financeira. Há alguns anos, uma representante do SEBRAE que lhe dava assistência, propôs a participação em um curso, mas foi justamente no período em que adoeceu e não teve como ir.

A maior dificuldade financeira enfrentada no microempreendimento diz respeito à inadimplência dos clientes, que culmina em atrasos financeiros para a microempreendedora D. Com os boletos atrasados, sem ter uma reserva que lhe assegure nessas situações, arca com todos os juros e multas, posto que não repassa os encargos para os que lhe comprem a prazo.

No tocante a utilização de ferramentas financeiras, não tem noção do que se trata um demonstrativo do resultado do exercício nem fluxo de caixa. O registro financeiro é feito mediante uma ficha de controle financeiro para as entradas, onde anota a data, a origem (nome do cliente), meio de pagamento e valor recebido; do mesmo modo para as saídas, possui uma ficha constando a data de vencimento,

destino (boleto que foi pago), valor e data de pagamento. Contudo, nem sempre consegue fazer as anotações, em virtude dos afazeres domésticos que ocupam boa parte do seu tempo.

Ressalta-se que a microempreendedora D não realiza planejamento financeiro, visto que não tem entendimento do que se trata, nem como deve ser feito. Além disso, considera a inexistência de alguém que faça ou lhe preste auxílio na elaboração.

Em relação aos custos do seu negócio, entende que seus boletos mensais correspondem aos custos fixos, considerando que todos os meses necessita realizar o pagamento deles. Por outro lado, desconhece a existência de custos variáveis, a não ser relacionados a questões pessoais, como exames médicos, por exemplo. Entretanto, sua classificação se apresenta equivocada, posto que os valores oscilam mensalmente em decorrência da quantidade de produtos adquiridos.

Outrossim, não é realizado o monitoramento dos custos, já que desconsidera outros custos na formação do seu preço final, a exemplo do valor gasto com transporte para buscar a mercadoria no fornecedor. Ainda, temendo perder vendas, por vezes repassa o produto pelo preço de custo ao seu cliente.

O estoque do microempreendimento não é gerenciado. Assim, a microempreendedora D aproveita promoções para repor os produtos. Ademais, alguns itens mais antigos quase perderam o prazo de validade, em razão da dificuldade da proprietária em enxergar a data de vencimento. Isso fez com que baixasse o preço de venda, com o intuito de vender mais rápido. Contudo, ainda assim muitas mercadorias foram perdidas, acarretando prejuízos para o negócio.

A microempreendedora D se vê incapaz de identificar o valor necessário para que a empresa mantenha suas operações funcionando, pois nunca parou para pensar no assunto e com isso não administra o capital de giro.

Do mesmo modo, nunca analisou um investimento antes de tomar uma decisão. Assim também como desconhece os riscos intrínsecos ao seu empreendimento, visto que jamais refletiu sobre isso.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS

Neste capítulo realiza-se uma análise comparativa dos casos, destacando as similaridades e divergências relacionadas ao conhecimento financeiro, atitude financeira, comportamento financeiro e à gestão financeira dos microempreendimentos pesquisados e suas respectivas implicações.

5.1 CONHECIMENTO FINANCEIRO

Na tentativa de analisar o conhecimento financeiro dos microempreendedores individuais, foram provocados questionamentos associados à compreensão dos elementos de análise a seguir: inflação, poupança, risco e juros.

Quanto ao primeiro elemento, foi levantada uma situação hipotética que permitisse verificar o entendimento acerca da inflação. Os microempreendedores A e B demonstraram domínio do assunto, respondendo corretamente à indagação. A microempreendedora C evidenciou interpretar o conceito, porém não conseguiu efetivar o cálculo. Todavia, a microempreendedora D revelou não compreender o tema, enfatizando também a dificuldade em realizar cálculos.

Misericórdia! Aí eu não sei te dizer(...) Vixe meu Deus! Eu sou péssima de cálculo assim pra calcular. 70 a 10%. Mas 70 já é o preço bruto, o preço é? Menina, eu não sei te responder não. Se ele é 70, no caso eu compro ou vendo ele por 70? Vendo por 70, se acrescentou 10% ao ano, quanto ele ia custar até o final do ano ou durante o ano? Aumentou 10%... vamos dizer que...Espere aí! Bom, bote aí 80. Eu estou chutando (Microempreendedora C).

Não sei nada dessa parte, por isso que me embanano, não tenho quem faça essas coisas pra mim. Não sei dizer, porque teria que usar o lápis, no lápis eu sei responder (Microempreendedora D).

Portanto, três dos quatro microempreendedores conseguiram entender a definição, entretanto, somente dois foram capazes de resolver o cálculo relacionado. Esses resultados estão de acordo com a OCDE (2023), quando apresentaram que 84% das pessoas assimilam o conceito de inflação, mas apenas 63% sabem calcular seus efeitos.

O segundo elemento trata sobre a poupança. Todos consideraram que investir no seu negócio seria mais viável a ter que poupar o dinheiro. Para o microempreendedor A, a conta poupança seria um dos piores investimentos a se

fazer, pelo baixo rendimento. De modo semelhante, o microempreendedor B arguiu que investir em maquinário lhe traria maior retorno em menos tempo. Já as microempreendedoras C e D, mesmo optando por investir no empreendimento, não descartaram a possibilidade de guardar uma quantia para casos de necessidade.

Neste ponto, somente dois dos quatro casos revelaram entender a importância de ter a poupança como uma reserva financeira. Assim, esses resultados fortalecem a relevância de ampliar o conhecimento sobre o assunto, pois conforme a OCDE (2023), permite o gerenciamento dos ganhos imediatos com foco no alcance de metas com perspectivas futuras.

O risco foi associado ao elemento anterior (poupança), configurando como terceiro elemento de análise. Assim, o microempreendedor A compreendeu que o risco de investir em seu negócio não seria significativo e por ser novo no mercado, visando a expansão do empreendimento, assumi-los-ia; o microempreendedor B também atribuiu o nível baixo ao risco de investir em maquinário, alegando que o máximo que poderia acontecer seria no caso da empresa fechar e o equipamento ficar em desuso; a microempreendedora C reconheceu que caso invista em seu negócio, corre o risco de perder todo o investimento a depender do movimento do salão; no entanto, a microempreendedora D ignora a existência do risco, pois prefere aproveitar promoções.

Com isso, somente um dos casos apresentou incompreensão referente ao risco, o que confere com os dados da pesquisa conduzida pela OCDE (2023), haja visto que em média, $\frac{2}{3}$ dos indivíduos são capazes de responder situações envolvendo risco.

O quarto elemento de análise diz respeito aos juros. Levando em consideração um suposto cenário, foi solicitado aos pesquisados o cálculo dos juros de um empréstimo. O microempreendedor A, respondeu sem hesitar o resultado exato; embora o microempreendedor B, tenha tentado realizar o cálculo mental, demonstrou dificuldade sobre o tópico; a microempreendedora C, com o auxílio da calculadora, palpitou de forma insegura e acertou o montante final; e a microempreendedora D não conseguiu raciocinar nem realizar o cálculo.

Sendo assim, metade dos entrevistados conseguiu acertar o cálculo. Os resultados demonstram conformidade com a OCDE (2023), diante da pesquisa que evidenciou que 49% dos adultos conseguem realizar cálculos relacionados aos juros simples.

De modo geral, os resultados expostos coincidem com o postulado por Huston (2010), ao afirmar que apresentar problemas com operações matemáticas, tende a influenciar a alfabetização financeira das pessoas, visto que o conhecimento financeiro é compreendido como um de seus componentes, mas que pode ser atenuado com auxílio de calculadoras, por exemplo. Nota-se ainda, que os casos que apresentaram maiores dificuldades com cálculos, demonstraram maior incompreensão dos principais conceitos financeiros, mencionados pela OCDE (2023), em especial o caso D.

Nesse sentido, reafirma-se a importância de compreender essas definições, pois conforme a OCDE (2023), este conhecimento embasa a tomada de decisões financeiras, permitindo um melhor gerenciamento do dinheiro.

Nesse contexto, o Quadro 6 sintetiza o comparativo dos resultados.

Quadro 6 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Conhecimento Financeiro.

	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Inflação	Demonstrou domínio do assunto.	Demonstrou domínio do assunto.	Manifestou compreensão do assunto, porém, apresentou dificuldade em calcular.	Manifestou incompreensão do assunto e dificuldade com cálculos.
Poupança	Demonstrou incompreensão da importância de poupar.	Demonstrou incompreensão da importância de poupar.	Demonstrou compreensão da importância de poupar.	Demonstrou compreensão da importância de poupar.
Risco	Demonstrou compreensão do assunto.	Demonstrou compreensão do assunto.	Demonstrou compreensão do assunto.	Manifestou incompreensão do assunto.
Juros	Demonstrou domínio do assunto.	Demonstrou dificuldade em compreender o assunto.	Recorreu ao uso da calculadora e manifestou baixa compreensão do assunto.	Manifestou incompreensão do assunto.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.2 ATITUDE FINANCEIRA

Com o intuito de identificar as principais atitudes financeiras dos microempreendedores individuais, foram elencados como elementos de análise desta categoria: controle emocional e influências socioculturais.

No tocante ao controle emocional, as decisões do microempreendedor A são mais fundamentadas em impulsividade, uma vez que o planejamento lhe parece ser um processo moroso; já o microempreendedor B argumentou que prefere planejar antes de agir, pois é movido pela razão e não se deixa levar por emoções; a microempreendedora C afirmou estar no meio termo, planeja, mas às vezes a situação foge do seu controle; e a microempreendedora D age na impulsividade, aproveitando promoções, com medo de perder oportunidades.

Dessa forma, percebe-se que os resultados estão de acordo com Huston (2010), quando considerou distorções comportamentais como elemento influenciador de comportamentos, dado às respostas impulsivas que culminaram em decisões precipitadas nos casos A, C e D. Além disso, vão contra as descobertas da OCDE (2023), quando evidenciaram que a maioria dos indivíduos tendem a ter atitudes direcionadas ao planejamento. Esses resultados não simbolizam indícios positivos, posto que dificultam o alcance da resiliência financeira, exposta pela OCDE (2023).

Relacionado às influências socioculturais, para o microempreendedor A, fatores externos não lhe estimulam a gastar, com exceção de situações urgentes; do mesmo modo, o microempreendedor B não é influenciado por variáveis externas, uma vez que leva em consideração os impactos financeiros das suas decisões; para a microempreendedora C, o contexto ao qual está inserida (seu empreendimento) é o fator determinante para gastar; e a microempreendedora D tende a gastar mais com a sua saúde e com atos de solidariedade.

Ainda, manifesta concordância com Huston (2010), ao expor que o contexto socioeconômico ao qual o indivíduo está inserido, exerce influência sobre seu comportamento financeiro, principalmente nos casos em que os microempreendedores afirmam serem influenciados por fatores econômicos (urgências, emprego e saúde própria) e social (solidariedade). Com isso, torna-se evidente que há variáveis externas que podem interferir na forma como as pessoas lidam com o dinheiro, independentemente de ter conhecimento e bom comportamento financeiro, conforme Huston (2010) afirmou.

Sendo assim, o Quadro 7 resume a comparação dos resultados desta categoria.

Quadro 7 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Atitude Financeira.

	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Controle emocional	Decisões fundamentadas em impulsividade.	Decisões fundamentadas em planejamento.	Decisões fundamentadas em planejamento e momentos de impulsividade.	Decisões fundamentadas em impulsividade.
Influências socioculturais	Não costuma ser influenciado por fatores externos, senão urgências.	Não costuma ser influenciado por fatores externos.	Tende a ser influenciada a investir no seu trabalho (fator econômico).	Tende a ser influenciada a investir na sua saúde e trabalho (fatores econômicos) e atos de solidariedade (fator social).

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3 COMPORTAMENTO FINANCEIRO

Para entender como os microempreendedores individuais se comportam financeiramente, foram considerados os seguintes elementos de análise: controle de caixa, hábito de economizar, imprevistos financeiros, gestão das dívidas e decisão informada.

Quanto ao controle de caixa, os microempreendedores A e B costumam verificar as transações diariamente, com ressalvas para os finais de semana, no caso do microempreendedor A, devido a maior movimentação de clientes; a microempreendedora C monitora semanalmente; já a microempreendedora D não possui o hábito, uma vez que não dispõe de conhecimento tecnológico para acompanhar as transferências via pix.

Sim, não da forma que deveria, mas costumo monitorar no dia a dia, vendo o que entra e o que sai. Mas nos finais de semana quando o fluxo é maior, não consigo realizar esse controle (Microempreendedor A).

Eu acompanho, principalmente pix, e aí tudo que entra eu verifico se entrou, se caiu e aí eu vejo a movimentação. No meu caso como recebo pagamento diariamente, eu verifico diariamente (Microempreendedor B).

Eu sei que assim, eu anoto o que eu faço no salão durante a semana, né. Eu sempre anoto. Agora que eu botei mais uma vez como prioridade, eu tenho um livro caixa, então tudo que entra e que sai eu vou anotando, então eu tenho um controle (Microempreendedora C).

Não, não sei. Antigamente o que eu fazia: eu tinha um vasinho de cada, ali eu separava, cada coisa que eu vendia, produto diferente, colocava naquele vaso. Ali eu sabia. Pagava o que coisasse e o que sobrasse eu investia, por isso que as coisas que eu tenho hoje, a mais um pouquinho, por causa que eu fazia isso. Eu não gasto, só o necessário. Hoje em dia, com esse negócio de não ter mais dinheiro, eu não sei vê, esse negócio de pix, de banco (Microempreendedora D).

Assim, verifica-se que três dos quatro casos acompanham as movimentações financeiras do seu negócio, configurando um aspecto positivo, por ser o ponto de partida para realizar a gestão financeira, conforme achados do Banco do Nordeste (2024). Ainda, nota-se similaridade com o exposto pela OCDE (2020), considerando que o mundo contemporâneo dispõe de mecanismos financeiros que proporcionam praticidade aos indivíduos, ao mesmo tempo que a complexidade dos serviços também se ampliou, tendo como exemplo o caso D. Do mesmo modo, manifestou concordância com os dados obtidos pelo DataSebrae (2018), tendo em vista que 18% dos MEIs não realizam o controle de caixa do negócio.

Em relação ao hábito de economizar, o microempreendedor A não costuma realizar uma reserva financeira em virtude do seu empreendimento ser novo, então prefere investir todo o dinheiro; o microempreendedor B faz reservas, mas não mantém uma periodicidade, devido a variabilidade da sua renda; a microempreendedora C sempre que possível guarda uma pequena quantia, para manter o seu comércio nos momentos de baixa clientela; e a microempreendedora D informou que nunca dá para reservar, pois não sobra nada ao final do mês.

Sendo assim, apenas um dos quatro tem o hábito de guardar uma poupança periodicamente, o que não representa um indicativo favorável, já que para Silveira *et. al* (2022) a falta de uma reserva de capital pode assolar as finanças.

No que diz respeito ao modo como agem diante de imprevistos financeiros, quando o microempreendedor A não consegue lidar sozinho, busca ajuda junto a familiares e amigos ou recorre ao cartão de crédito; o microempreendedor B contrai empréstimos ou vale-se do cartão de crédito; a microempreendedora C cria estratégias de vendas, para atrair clientes; e a microempreendedora D aguarda até realizar alguma venda à vista, postergando os pagamentos.

Desse modo, três dos quatro não conseguem lidar com imprevistos financeiros sem gerar novas dívidas. Os resultados evidenciam compatibilidade com Silveira *et. al* (2022), quando argumentaram que o hábito de não guardar uma economia pode desencadear desequilíbrio financeiro, posto que os microempreendedores que não conseguiram lidar com imprevistos financeiros sem recorrer a terceiros (A, B e D), não possuem o hábito de realizar uma reserva financeira periódica.

Referente à gestão das dívidas, o microempreendedor A prioriza o pagamento das contas à vista; a medida que o microempreendedor B contrai uma dívida, ele anota, para que no final do mês honre seus compromissos em tempo oportuno, bem como utiliza um aplicativo de finanças pessoais que possui lembretes de vencimento de contas e faturas; a microempreendedora C também consegue manter seus pagamentos em dias, valendo-se da sua reserva; já a microempreendedora D depende das vendas realizadas, assim, quando não consegue vender, atrasa seus boletos.

Assim, três dos quatro entrevistados conseguem gerenciar bem as suas dívidas e realizar os pagamentos em tempo oportuno, o que representa um bom sinal, pois, diante do que foi apresentado pela OCDE (2023), postergar a quitação de pendências financeiras pode trazer prejuízos ao indivíduo. Além do mais, apresenta-se em sincronia com os resultados da pesquisa conduzida pelo DataSebrae (2018), levando em conta que $\frac{1}{3}$ dos microempreendedores individuais não conseguem realizar pagamentos em tempo hábil.

Por fim, relacionado à tomada de decisão informada, os microempreendedores A e D, não costumam consultar fontes seguras antes de realizar uma compra, por entenderem que já possuem uma rede de fornecedores confiáveis. Por outro lado, os microempreendedores B e C realizam uma busca prévia por informações do produto e da empresa, para assim efetivarem a compra.

Nesse sentido, metade dos entrevistados tomam decisões com base na experiência vivida e a outra metade tomando como referência uma investigação mercadológica. Os resultados foram equilibrados, sem uma tendência clara, com 50% favoráveis e 50% desfavoráveis à afirmação feita por Silva e Lucena (2021), quando argumentaram que as pessoas costumam escolher ou decidir sobre assuntos com base naquilo que sabem, evidenciando que algumas têm o hábito de procurar informações antes de tomar decisões. Isso representa um indicativo positivo, pois

conforme a OCDE (2023), fazer escolhas financeiras sem embasamento podem ser prejudiciais.

Dito isto, o Quadro 8 expõe a comparação dos resultados elucidados nesta categoria.

Quadro 8 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Comportamento Financeiro.

	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Controle de caixa	Monitora as transações diariamente, com exceção dos finais de semana.	Monitora as transações diariamente.	Monitora as transações semanalmente.	Não tem o hábito de monitorar as transações.
Hábito de economizar	Não realiza reservas, pois prefere investir no negócio.	Nem sempre consegue realizar reservas, por não ter renda fixa.	Sempre realiza reservas.	Não consegue realizar reservas, pois não sobra nada.
Imprevistos financeiros	Contrai dívidas com amigos, familiares ou cartão de crédito.	Contrai dívidas com empréstimos ou cartão de crédito.	Prefere dar o seu jeito sozinha, a ter que contrair dívidas.	Atrasa os pagamentos até conseguir realizar uma venda para conseguir o dinheiro.
Gestão das dívidas	Consegue pagar as dívidas sempre em tempo hábil.	Consegue pagar as dívidas sempre em tempo hábil.	Consegue pagar as dívidas sempre em tempo hábil.	Nem sempre consegue pagar as dívidas em tempo hábil.
Decisão informada	Não busca informações antes de realizar uma compra, pois já tem sua rede confiável.	Sempre busca informações antes de realizar uma compra.	Sempre busca informações antes de realizar uma compra.	Não busca informações antes de realizar uma compra, pois já tem sua rede confiável.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.4 GESTÃO FINANCEIRA DOS MICROEMPREENHIMENTOS

Visando compreender como é feita a gestão financeira dos microempreendimentos, foram abordados os elementos de análise: organização financeira, capacitação financeira, dificuldades na gestão financeira, registro

financeiro, planejamento financeiro, monitoramento dos custos, gestão de estoque, administração do capital de giro, análise de investimentos e gestão de riscos.

No que tange a organização financeira, buscou-se averiguar se os microempreendedores individuais realizam a separação das contas física e jurídica. Nesse caso, os microempreendedores A e B sabem da importância em fazer a dissociação, mas na prática não conseguem efetivar; a microempreendedora C diz executar a desvinculação, porém se contradiz ao utilizar o dinheiro da empresa para pagar as contas pessoais, antes de verificar o seu pró labore; e a microempreendedora D, não sabe como separar. Logo, nenhum dos microempreendedores realiza efetivamente a separação das contas pessoal e empresarial.

Não, não realizo ainda. Na verdade, como já falei, começamos a empresa do zero e automaticamente com o início da empresa a vida pessoal também deu reviravolta. (...) As contas de casa, os gastos com filhos e tudo isso meio que embolou as contas, e eu não consegui ainda fazer a separação do que é empresa pra o que é CPF. Sei da importância, pretendo fazer sim, o mais breve possível, mas até o momento não consegui fazer ainda a separação (Microempreendedor A).

Então, é um ponto crucial. Como eu já tenho formação, eu entendo que tem que ter a separação do meu pró labore com o dinheiro da empresa. Só que na prática eu não tenho, porque na prática é bem mais difícil (Microempreendedor B).

Se eu realizo a separação? Realizo. Tô realizando já né. Tô botando em prática, pela terceira vez. Eu gerencio fazendo as anotações, que agora como eu tô anotando, então, eu quero saber realmente quanto que é o meu pró labore, tô anotando. Tentando separar na questão do anotar. Aí eu vou conseguindo. (...) Mas tipo assim, eu acabo que aquele dinheiro ali, que entrou, tipo, eu hoje fiz uma progressiva, por exemplo. Então vamos dizer que ela foi R\$150,00. Eu tenho que pegar esse dinheiro e botar lá no caixa, pra quando for no final eu ter que separar e ver o que foi que eu gastei pra fazer o pagamento das contas, e o que sobrou, vamos dizer que o meu lucro, eu separar. Deixar o da empresa e receber o meu. Então o que que eu faço? Eu não faço isso. Eu acabo pegando esse dinheiro e utilizando. Aí depois que eu paguei todas as minhas contas tudo certinho, aí o que vai entrando eu não vou gastando mais, vou deixando lá. Aí tipo assim, tô devolvendo. Eu acabo fazendo isso. É um caso de amor e ódio, tô rica tô pobre, e assim vai (Microempreendedora C).

Não. Nunca fiz isso não, de tirar o que é meu não. Porque como eu coiso, eu separo, as contas eu pago e o que é meu é só um pouco, eu vou pagar o que comprei, pagar uma medicação. Mas não vou tirar meu saber quanto foi, nunca fiz isso (Microempreendedora D).

Diante do exposto, observa-se que há concordância com o explanado por Silva *et. al* (2022), posto que mesmo que na teoria os indivíduos declarem monitorar

as finanças da empresa, suas ações se contrapõem, já que não realizam a distinção de contas. Além disso, reafirma a significância de fazer a dissociação de contas, pois conforme Aguiar (2023), a ausência deste ato pode encobrir a verdadeira realidade financeira da empresa.

Quanto a capacitação financeira, somente o microempreendedor B buscou aprofundar seus conhecimentos financeiramente; o microempreendedor A apenas participou de uma palestra; a microempreendedora C não despertou interesse na área; e a microempreendedora D, devido aos seus problemas de saúde, perdeu a oportunidade quando surgiu.

Consequentemente, os resultados não transmitem uma perspectiva positiva, haja visto que a falta de qualificação está entre uma das principais causas de fechamento das empresas, segundo o SEBRAE (2023). Outrossim, coincidem com os dados fornecidos pelo DataSebrae (2018), considerando que 77% dos MEIs não detém nenhum tipo de formação associada à gestão financeira.

A principal dificuldade enfrentada na gestão financeira para o microempreendedor A consiste na desvinculação das contas da empresa e pessoal; o microempreendedor B considera pôr o conhecimento teórico na prática; a microempreendedora C atribui ao ato de precificar os serviços; já a microempreendedora D, leva em conta a inadimplência dos clientes, que resulta em atrasos dos seus pagamentos.

Diante disso, se observa que há conformidade com o exposto por Costa (2023), Azevedo e Leone (2011), Silva et. al (2022), DataSebrae (2018), Aguiar (2023) e Banco do Nordeste (2024), ao afirmarem que as principais dificuldades financeiras assumidas pelos MEIs envolvem o uso conjunto de contas física e jurídica, falta de conhecimento e habilidades com finanças, assim como problemas de caixa.

Em relação aos registros financeiros dos microempreendimentos, apenas os microempreendedores A e B conhecem ou já ouviram falar de ferramentas financeiras como o DRE, no entanto, nenhum faz uso. Similarmente, o fluxo de caixa é conhecido pelos microempreendedores A e B, contudo somente o “B” utiliza mediante um aplicativo de finanças pessoais, beneficiando-se de forma automatizada dessa e outras funcionalidades.

Por outro lado, o microempreendedor A, usa uma planilha em Excel para registrar os realizados e contrastar com as metas estabelecidas; a microempreendedora C adota o livro caixa para anotações; e a microempreendedora

D possui fichas de controle financeiro, porém usa esporadicamente. Portanto, os microempreendedores A, C e D, preocupam-se unicamente em registrar o que já aconteceu, desconsiderando projeções.

Com isso, enfatiza-se a necessidade da utilização de ferramentas financeiras, pois conforme Azevedo e Leone (2011), permitem entender e acompanhar os recursos financeiros do negócio. Ainda, os resultados vão de acordo com os dados do DataSebrae (2018), levando em conta que 68% dos microempreendedores individuais não projetam o fluxo de caixa do seu negócio, bem como a estimativa que em média metade dos MEIs realizam os registros financeiros no papel, enquanto a outra parte registra em computador ou não registram nada.

Nesse contexto, curiosamente, apenas o microempreendedor B possui algo que se assemelha a um planejamento financeiro, consistindo em metas e definição de estratégias para alcançá-las. Em contrapartida, em virtude da dificuldade em separar o pessoal do empresarial, o microempreendedor A não consegue planejar-se financeiramente; a microempreendedora C não despertou o interesse; já para a microempreendedora D, falta-lhe conhecimento sobre o assunto.

Sendo assim, os resultados demonstram-se de acordo com Aguiar (2023), quando atribuiu a falta de planejamento aos casos de empreendedorismo por necessidade, considerando que apenas o caso que empreendeu por oportunidade planeja-se financeiramente. Ademais, também se manifestam em conformidade com Sales (2023), ao argumentar que a razão que leva muitas pessoas a deixarem de realizar o planejamento financeiro está associada ao pensamento de incapacidade, acreditando que somente profissionais são capazes de realizá-los.

Os microempreendedores A, B e C conhecem e monitoram seus custos, realizando reajustes nos preços sempre que consideram viável. Todavia, a microempreendedora D, não sabe classificá-los, nem os observa de perto, sofrendo recorrentes prejuízos.

Os resultados obtidos enfatizam a importância de adotar esta prática, comprovando as constatações de Queiroz e Araújo (2024), quando se referiram à elevação dos rendimentos, posto que a única microempreendedora que não realiza o monitoramento, vê sua receita reduzida.

Além disso, nenhum dos microempreendedores gerenciam efetivamente o estoque. Os microempreendedores A e C, em razão do baixo quantitativo de itens, valem-se unicamente da observação. O microempreendedor B verifica apenas o lucro

líquido. E a microempreendedora D não consegue gerenciar, culminando em estoque parado e na perda de produtos por vencimento.

Desse modo, os resultados encontram-se em conformidade com o Banco do Nordeste (2024), em especial no caso D, quanto à atenção ao prazo de validade dos produtos, que pode resultar em perdas financeiras, assim como reforça-se a relevância de realizar a gestão do estoque, já que de acordo com seus achados, custos podem ser reduzidos.

No tocante à administração do capital de giro, os microempreendedores A e B são capazes de identificar o valor necessário para manter as atividades do negócio funcionando e a partir disso administrar seu capital de giro. A microempreendedora C, embora não consiga estimá-lo, realiza reservas financeiras que assegurem em momentos que possam comprometer o funcionamento da empresa. Enquanto que a microempreendedora D, jamais cogitou a pauta.

Dessa maneira, observa-se que dois dos quatro casos conseguem administrar seu capital de giro, enquanto entre os outros dois, um administra de forma intuitiva. Ainda, é notório que o caso D, em que não se é posto em prática, apresenta mais dificuldades para cumprir com as obrigações de curto prazo, estando de acordo com Queiroz e Araújo (2024) quando afirmaram que a administração do capital de giro é o que permite honrar com os compromissos imediatos.

Outrossim, os microempreendedores A, C e D não possuem o hábito de analisar um investimento antes de tomar uma decisão. Por sua vez, o microempreendedor B, analisa tanto o tempo que lhe trará retorno, como a sua capacidade de lidar com o investimento, estando em sintonia com o que Queiroz e Araújo (2024) afirmaram. Assim, os resultados não são satisfatórios, visto que apenas um dos quatro analisa um investimento previamente.

Por fim, o risco é reconhecido, avaliado e gerenciado apenas no caso A, considerando a possível concorrência e suas estratégias para enfrentá-la, bem como a falta de inovação. O microempreendedor B, embora reconheça e avalie não consegue gerenciar. Apesar da microempreendedora C não gerenciar de maneira formalizada, adota práticas intuitivas de mitigação de possíveis ameaças. Já a microempreendedora D nunca refletiu sobre o assunto.

Diante da falta de práticas relacionadas a refletir sobre os principais problemas que poderão afetar diretamente a continuidade do negócio, tornar-se relevante realizar

a gestão de risco, considerando a exposição aos riscos que as empresas enfrentam, conforme afirmaram Queiroz e Araújo (2024) e Pinho *et. al* (2019).

Diante do exposto, o Quadro 9 condensa os resultados da categoria.

Quadro 9 – Análise Comparativa dos resultados da categoria Gestão Financeira dos Microempreendimentos.

	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Organização financeira	Não realiza a separação das contas física e jurídica.	Não realiza a separação das contas física e jurídica.	Não realiza a separação das contas física e jurídica.	Não realiza a separação das contas física e jurídica.
Capacitação financeira	Não possui capacitação financeira.	Possui capacitação financeira.	Não possui capacitação financeira.	Não possui capacitação financeira.
Dificuldades na gestão financeira	Separar as contas física e jurídica.	Aplicar o conhecimento na prática.	Precificar os serviços.	Problema de caixa.
Registro financeiro	Conhece, mas não faz uso de DRE e fluxo de caixa. Utiliza uma ferramenta própria.	Conhece o DRE e faz uso do fluxo de caixa, por meio de aplicativo.	Não conhece DRE e fluxo de caixa. Faz os registros em seu livro caixa.	Não conhece DRE e fluxo de caixa. Faz os registros, esporadicamente, em fichas de controle financeiro.
Planejamento financeiro	Não possui planejamento financeiro, devido a dificuldade em planejar.	Possui um planejamento financeiro simplificado.	Não possui planejamento financeiro por falta de interesse.	Não possui planejamento financeiro por falta de conhecimento.
Monitoramento dos custos	Monitora os custos e faz reajustes quando preciso.	Monitora os custos e faz reajustes quando preciso.	Monitora os custos e faz reajustes quando preciso.	Não monitora os custos e sofre recorrentes prejuízos.
Gestão de estoque	Não gerencia o estoque.	Não gerencia o estoque. Analisa apenas o lucro líquido.	Não gerencia o estoque.	Não gerencia o estoque.
Administração do capital de giro	Administra o capital de giro.	Administra o capital de giro.	Não tem noção do capital de giro, porém gerencia de forma intuitiva.	Não tem noção do capital de giro e não administra.

(continua)

(conclusão)

	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Análise de investimentos	Não faz análise prévia de investimentos.	Faz análise prévia de investimentos.	Não faz análise prévia de investimentos.	Não faz análise prévia de investimentos.
Gestão de riscos	Reconhece, avalia e gerencia os riscos.	Reconhece, avalia, mas não gerencia os riscos.	Lida com os riscos na prática, mas não os reconhece, nem avalia, tampouco gerencia de maneira formal.	Não reconhece, nem avalia, tampouco gerencia os riscos.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

6 COMO A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA AFETA A GESTÃO FINANCEIRA DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS

Após realizar a análise comparativa, alguns padrões puderam ser verificados. Em posse dos resultados obtidos, viabiliza-se a compreensão de como a gestão financeira dos microempreendedores individuais é afetada pela alfabetização financeira.

A falta de conhecimento relacionado à inflação prejudica os microempreendedores a encarar desafios financeiros como a precificação de serviços e/ou produtos, como também aumenta a possibilidade de apresentarem problemas de caixa.

Ao não considerarem a importância de realizar uma reserva financeira, bem como não colocar em prática o hábito de economizar, os microempreendedores tendem a apresentar dificuldades em lidar com imprevistos financeiros, sujeitando-se ao uso de cartão de crédito, empréstimos ou juros por atraso de pagamentos. Com isso, mantém conformidade com Sales (2023), quando associou a alfabetização financeira a otimização dos processos decisórios relacionados a empréstimos, investimentos e a própria gestão da empresa.

Consequentemente, a implementação de um planejamento financeiro pode ser dificultosa, posto que não teriam condições para criar e seguir um plano à risca, como também afirmam Silveira *et. al* (2022). Além disso, também impacta na falta de utilização de ferramentas financeiras, uma vez que preocupados em sanar problemas financeiros imediatos, não projetam ganhos e despesas futuros. Apesar de anotações em papel exigir mais tempo e disponibilizar os dados de maneira superficial, podem ser consideradas adequadas para quem não tem familiaridade com recursos digitais.

Ainda, submetem-se à vinculação das contas física e jurídica, visto que perdem a noção da verdadeira realidade do negócio, como exposto por Aguiar (2023), e não conseguem identificar o que de fato é seu ou do empreendimento. Assim, apesar da maioria compreender os principais custos do seu negócio, não elencam o pró labore como composição dos seus custos fixos, o que compromete os ganhos da empresa e gera confusão no momento de pagar as contas pessoais e empresariais.

A ausência de entendimento acerca dos juros e risco pode incorrer na não análise prévia de investimentos, em razão da dificuldade em saber quanto de retorno pode lhe render, bem como reconhecer os riscos que estão envolvidos na decisão.

No entanto, mesmo detendo conhecimento sobre o assunto, podem haver atitudes que prejudiquem essa prática, como é o caso da impulsividade, por exemplo, que provoca reações sem levar em conta as diversas possibilidades, e/ou influências externas que tendem a interferir na forma como as pessoas lidam com o dinheiro, estando em conformidade com Huston (2010).

Nesse sentido, a gestão de risco também pode ser negligenciada, uma vez que preocupados em garantir o suficiente para arcar com o básico, não conseguem perceber que podem estar vulneráveis a riscos, a exemplo das taxas de juros, como mencionado por Pinho *et. al* (2019).

Ainda, a falta de capacitação financeira pode estar relacionada aos casos de empreendedorismo por necessidade, onde preocupados em ter uma fonte de renda, não buscam aprofundar seus conhecimentos na área. Nesse caso, gerenciam seus microempreendimentos com base na experiência obtida no cotidiano vivenciado no negócio, estando em sintonia com Azevedo e Leone (2011), quando referiram-se à falta de planejamento financeiro. Isso também pode ser reflexo da tomada de decisão de forma impulsiva, bem como dos fatores externos que cercam o microempreendedor, o fazendo agir visando o retorno imediato, como o pagamento das dívidas de curto prazo.

Ademais, o não gerenciamento do estoque pode acarretar custos desnecessários, quando não há um controle de quais itens tem mais saída, por exemplo, que poderia ser analisado com ações como a realização de inventários, como sugerido pelo Banco do Nordeste (2024).

Nessa conjuntura, em geral, também foi observado que os microempreendedores que apresentaram ampla compreensão de conceitos financeiros, não necessariamente implicaram em boa conduta financeira, assim como foi exposto por Lanzarini (2018). Outrossim, o uso de calculadora pôde mitigar os impactos causados pela falta de habilidades matemáticas, como Huston (2010) afirmou.

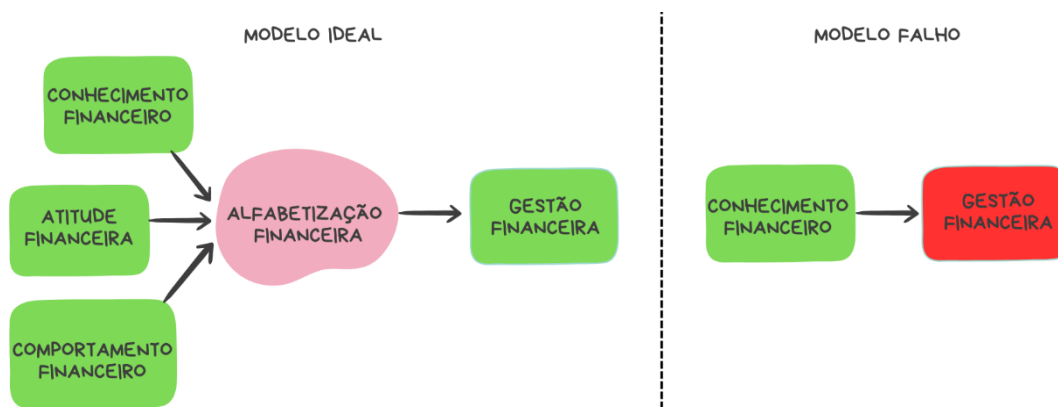
Assim também foi perceptível que a deficiência em conhecimentos, unida aos comportamentos e atitudes financeiros inadequados culminaram em uma má gestão financeira, trazendo todos os aspectos negativos possíveis para o empreendimento em questão. Isso demonstrou compatibilidade com Lanzarini (2018), ao considerar que indivíduos com índices baixos de alfabetização financeira estão propícios a cometer maiores erros e prejudicar o desenvolvimento da empresa.

Não à toa, o microempreendimento que demonstrou menor desenvoltura com a alfabetização financeira e erros mais significativos na gestão financeira, atua hoje na informalidade, em virtude do não pagamento de impostos, por falta de conhecimento. Com isso, fez parte da estatística que considerou a inclusão de mais de 1 milhão de MEIs que precisavam regularizar suas dívidas até o final do ano de 2024, conforme divulgado pela CNN Brasil (2024).

Além do mais, foi observado que o desequilíbrio entre o conhecimento, atitude e comportamento financeiro, tem como reflexo a ausência de boas práticas na gestão financeira de microempreendimentos, que por estarem vinculados aos seus proprietários incorre em prejuízos para ambos, estando de acordo com Silva *et. al* (2022).

Por fim, a Figura 4 resume os achados desta pesquisa, indicando no modelo ideal que a união entre o conhecimento, atitude e comportamento financeiro, de maneira positiva, culmina na alfabetização financeira, tendo como consequência boas práticas de gestão financeira. Entretanto, deter somente um dos componentes, como o conhecimento financeiro, mesmo que de modo positivo, não é indicativo de uma boa gestão financeira, conforme exposto no modelo falho.

Figura 4 - Impacto da alfabetização financeira na gestão financeira



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Salienta-se ainda, que o mesmo ocorre diante de situações que envolvam apenas o comportamento ou atitude financeira. Nesse sentido, observa-se a importância de mantê-los em equilíbrio, visando a obtenção de bons níveis de alfabetização financeira, posto que, quanto mais o indivíduo estiver alfabetizado financeiramente, maiores são os impactos na gestão financeira do

microempreendimento, estando em conformidade com Lanzařini (2018), quanto ao reflexo da postura financeira dos proprietários nos resultados da empresa.

7 CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais. Com a intenção de atender a finalidade, desenvolveu-se entrevistas semiestruturadas junto a quatro microempreendedores do estado de Sergipe, bem como foi feita a análise de seus documentos financeiros. Nessa perspectiva, buscou-se analisar seus conhecimentos financeiros, identificar suas principais atitudes financeiras, entender como se comportam financeiramente e compreender como realizam a gestão financeira dos seus negócios.

Analisando o conhecimento financeiro dos microempreendedores individuais, foi possível perceber, que pessoas que possuem habilidade com números têm maior facilidade em compreender conceitos financeiros. Foram identificadas como suas principais atitudes financeiras, agir por impulsividade e em decorrência de fatores econômicos. Além disso, na tentativa de entender como se comportam financeiramente, observou-se que MEIs que não possuem o hábito de economizar, costumam lidar com imprevistos financeiros gerando novas dívidas. O conglomerado desse tríplice resultou em práticas de gestão financeira, evidenciando que a alfabetização financeira não pode ser atingida considerando as categorias expostas de forma isolada.

Logo, com o intuito de compreender como é feita a gestão financeira dos microempreendimentos, foi verificado que não realizam a distinção de contas pessoal e empresarial; a falta de capacitação financeira estava relacionada aos casos de empreendedorismo por necessidade; enfrentam dificuldades relacionadas à falta de conhecimento financeiro; focam em registrar apenas os realizados e não utilizam ferramentas financeiras para projetar ganhos futuros; não possuem um planejamento financeiro; não gerenciam efetivamente o estoque; não analisam previamente um investimento; e não realizam a gestão de riscos.

Visando ampliar a compreensão do tema e o desenvolvimento de estudos na área, esta pesquisa traz como contribuições:

- Revelar que somente o conhecimento financeiro não é suficiente para gerir as finanças do negócio com sucesso;
- Ressaltar a importância de desvincular as contas física e jurídica, a fim de conhecer a realidade financeira da empresa.

- Salientar a importância de monitorar todos os custos, inclusive o pró labore, determinando-o como custo fixo do microempreendimento;
- Mostrar que a falta de consciência e ausência do hábito de economizar tendem a prejudicar o indivíduo e o negócio;
- Demonstrar a importância de manter o equilíbrio entre o conhecimento, o comportamento e as atitudes financeiras para atingir a alfabetização financeira com nível adequado, contribuindo com sua vida pessoal e profissional;
- Enfatizar a relevância da alfabetização financeira para a condução de boas práticas na gestão financeira.

Como sugestões para futuras pesquisas tem-se a realização de um estudo quantitativo, por meio de questionários com o intuito de realizar uma análise estatística comparativa, buscando evidências de como a alfabetização financeira pode afetar a gestão financeira de microempreendedores individuais, considerando variáveis como gênero, faixa etária, classe social, grau de instrução, entre outros. Além disso, recomenda-se a criação de casos de ensino que possibilitem instigar o desenvolvimento do pensamento crítico acerca da importância da alfabetização financeira, para que acadêmicos e potenciais empreendedores, aprendam no curso como desenvolvê-la na prática.

Aos microempreendedores individuais, sugere-se a participação em cursos voltados a área financeira, visando ampliar o conhecimento; criar uma conta bancária para a empresa, a fim de iniciar o processo de desvinculação das contas; determinar o valor do pró labore como parte dos custos fixos da empresa; estruturar um planejamento financeiro pessoal e empresarial; adotar o hábito de economizar; criar um plano de contingência que possibilite lidar com riscos e imprevistos; e fazer uso de ferramentas financeiras que torne possível a apresentação dos resultados de maneira visual, facilitando a compreensão do estado financeiro da empresa e a tomada de decisões.

Ainda, é sugerido aos formuladores de políticas públicas que invistam em ações que promovam a educação financeira desde o ensino fundamental, como disciplina obrigatória; desenvolver programas de alfabetização financeira voltados para adultos com baixa escolaridade; e criar indicadores que avaliem a relação entre o nível de escolaridade e os impactos na gestão financeira, no intuito de monitorar os dados.

Por último, como limitação de estudo, evidencia-se a ausência de parâmetros comparativos como variáveis, a exemplo do gênero, grau de instrução e faixa etária. Ademais, em virtude do curto espaço de tempo para a condução da pesquisa, foi utilizado um número reduzido de casos. Ainda, manifesta-se a dificuldade em conseguir agendar as entrevistas, uma vez que os MEIs não dispunham de tempo livre, por trabalharem sozinhos em seus empreendimentos, que resultou na postergação da realização das entrevistas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vitor Schmidt. A gestão financeira nas micro e pequenas empresas e os microempreendedores individuais. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 11, ed. 230, 2023. Disponível em:

https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/54_artigo_cientifico_-_vitor_revisao.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

AZEVEDO, José Gilmar de; LEONE, Rodrigo José Guerra. Práticas de gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo descritivo em indústrias de castanha de caju do Estado do Rio Grande do Norte. **Revista Ciências Administrativas**, v. 17, n. 1, p. 55-83, 2011. Disponível em:

<https://ojs.unifor.br/rca/article/view/3221/pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. O que é inflação. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/oqueinflacao>. Acesso em: 15 dez. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Poupar e investir. Disponível em:

https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira/poupar_investir. Acesso em: 15 dez. 2024.

BANCO DO NORDESTE. Gestão financeira descomplicada para microempreendedores individuais (MEIs). Disponível em:

<https://www.bnb.gov.br/documents/45847/5219984/Gest%C3%A3o+Financeira+Descomplicada+para+Microempreendedores+Individuais.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

BRASIL. Lei Complementar nº 123, de 123 de 14 de dezembro de 2006. **Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm. Acesso em: 8 dez. 2024.

BRASIL. Mapa de empresas: Boletim 2º quadrimestre 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-2o-quadrimestre-2024.pdf/view>. Acesso em: 8 dez. 2024.

BRASIL. Receita Federal do Brasil. *Simples Nacional*. Disponível em:

<https://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/Documents/Pagina.aspx?id=3%20>. Acesso em: 14 dez. 2024.

CNN Brasil. 45% dos brasileiros de 15 anos têm baixo desempenho na alfabetização financeira, diz OCDE. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/45-dos-brasileiros-de-15-anos-tem-baixo-desempenho-na-alfabetizacao-financeira-diz-ocde/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CNN Brasil. Mais de 1 milhão de MEIs endividados correm risco de serem excluídos do Simples Nacional: entenda. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/mais-de-1-milhao-de-meis-endividados-correm-risco-de-serem-excluidos-do-simples-nacional-entenda/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

COSTA, Daniela Ferreira Marques. **Empreendedorismo em detalhes: microempreendedor individual, comportamento financeiro e planejamento financeiro empresarial**. Orientadora: Silvia Amélia Mendonça Flores. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/riu/9126>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DANTAS, Rayane Darlley Silva; SANTOS, Danielly Pereira dos; LIMA, José Eduardo de Carvalho. A influência da gestão financeira no desempenho dos microempreendedores individuais da cidade de Juazeiro do Norte-CE. **Revista Interfaces**, v. 5, n. 15, p. 02-10, 2017. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/383/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DATASEBRAE. Educação financeira para o MEI. SEBRAE, 2018. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Educa%C3%A7%C3%A3o_Financeira_MEI_2018_FINAL.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025.

DATASEBRAE. Infográfico MEI 2024. 2024. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/10/infografico-MEI-2024-1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

DATASEBRAE. MEI no estado de Sergipe. Dados sobre o perfil dos Microempreendedores Individuais no estado de Sergipe, 2024. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/mei-no-estado-de-sergipe/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

DATASEBRAE. Perfil do Microempreendedor Individual. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/perfil-do-microempreendedor-individual/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. GITMAN, Lawrence J. **Princípios da administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/45095065/Principios_da_Administracao_Financeira_Gitman. Acesso em: 15 dez. 2024.

HUSTON, S. J. Measuring Financial Literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296–316, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x?msockid=04ef663e12746519023e76ce131f64c6>. Acesso em: 27 nov. 2024.

KHATIB, Ahmed Sameer El. **Alfabetização financeira crítica: uma proposta curricular à luz das vozes docentes e da visão freireana**. Orientador: Antonio Chizzotti. 2023. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40725>. Acesso em: 13 nov. 2024.

LANZARINI, Neri Júnior. **A Alfabetização Financeira dos Microempreendedores Individuais da Grande Florianópolis**. Orientador: Eraldo Sérgio Barbosa da Silva. 2018. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188581/Monografia%20Neri%20Junior%20Lanzarini.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LOPES, Frederico Neves Moreira; ANDRADE, Matheus Lemos de. Alfabetização financeira: Mapeamento dos antecedentes da tomada de decisão em relação às finanças pessoais. **Revista Horizontes Interdisciplinares da Gestão**, v.4, n.2, p. 22-44, 2020. Disponível em: <https://mestrado.unihorizontes.br/wp-content/uploads/2020/11/ALFABETIZA%C3%87%C3%83O-FINANCEIRA.pdf>.

Acesso em: 01 dez. 2024.

MOREIRA, F. R.; COSTA, E. T.; SANTOS, R. C.; FERREIRA, W. C.; CABACINHA, C. D.. **Juros: conceitos e aplicações**. 2010. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/4445d7a4-e3f8-4135-912f-78c5822fb161/content>. Acesso em: 15 dez. 2024.

OCDE. **Pesquisa Internacional de Alfabetização Financeira de Adultos da OCDE/INFE 2023**. Documentos de Política de Negócios e Finanças da OCDE, n. 39. Paris: OCDE, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/56003a32-en>. Acesso em: 30 nov. 2024.

OCDE. **Recomendação do Conselho de Alfabetização Financeira, OECD/LEGAL/0461**. 2020. Disponível em:

<https://legalinstruments.oecd.org/api/download/?uri=/public/3fa1d4e1-e147-46f4-83bc-d9d6615e066d.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PINHO, C.; VALENTE, R.; MADALENO, M.; VIEIRA, E. Risco Financeiro - Medida e Gestão. 2 ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2019. Disponível em: <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789726189978.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

POTRICH, Ani Caroline Grigion. **Alfabetização financeira: integrando conhecimento, atitude e comportamento financeiros**. Orientadora: Kelmara Mendes Vieira. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/4672/POTRICH%2c%20ANI%20CAROLINE%20GRIGION.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 nov. 2024.

QUEIROZ, Andreza Costa de; ARAÚJO, Marcos Paulo Mendes. **Gestão Financeira e Empresarial: Revisão e Perspectiva Teórica**. Ciências Humanas, v. 28, n. 138, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/gestao-financeira-e-empresarial-revisao-e-perspectiva-teorica>. Acesso em: 23 dez. 2024.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SALES, Herbert Henrique da Silva. **Alfabetização Financeira de Microempreendedores em João Pessoa/PB**. Orientador: Odilon Saturnino Silva

Neto. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/2999/1/herbert_tcc.pdf. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, Willian Gonçalves dos. **Alfabetização financeira para os micro, pequenos e médios empreendedores de Palhoça**. Orientadora: Ana Luiza Paraboni. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/244801>. Acesso em: 04 dez. 2024.

SCHMITZ, Leonardo Rafael; PIOVESAN, Jaíne Ionara; BRAUM, Loreni Maria dos Santos. Finanças Pessoais: percepções sobre a alfabetização financeira e o bem-estar financeiro. *Brazilian Journals of Business*, v.3, n.1, p. 724-746, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJB/article/view/25729/20449>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SEBRAE. A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil. SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasil,d5147a3a415f5810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SEBRAE. O que são custos fixos e variáveis. SEBRAE, 2024. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/saiba-o-que-sao-custos-fixos-e-custos-variaveis,7cf697daf5c55610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SEBRAE. Pesquisa Pulso dos Pequenos Negócios – 7ª edição, 2024. Disponível em: https://sebraepr.com.br/wp-content/uploads/2025/03/PUB_Pesquisa-Pulso-dos-Pequenos-Negocios-7a-Edicao.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

SEBRAE. Tire suas dúvidas sobre o MEI – Microempreendedor Individual. SEBRAE, 2024. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/tire-suas-duvidas-sobre-o-mei-microempreendedor-individual,e31c13074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 8 dez. 2024

SILVA, Nathália Etyenne Figueira; LUCENA, Wenner Glaucio Lopes. Análise da relação entre educação financeira e vieses comportamentais no contexto brasileiro. In: **XLV Encontro da ANPAD - EnANPAD**, 2021. Disponível em: https://anpad.com.br/pt_br/article_search/?search%5Bq%5D=AN%C3%81LISE+DA+RELA%C3%87%C3%83O+ENTRE+EDUCA%C3%87%C3%83O+FINANCEIRA+E+VIESES+COMPORTAMENTAIS+NO+CONTEXTO+BRASILEIRO&search%5Bsubmit%5D=. Acesso em: 1 dez. 2024.

SILVEIRA, A. S. da; REIS, L. A.; LANA, J.; PARTYKA, R. B. Dinheiro na Mão é Vendaval: Um Caso de Educação Financeira. In: **XLVI Encontro da ANPAD -**

EnANPAD, 2022. Disponível em:

https://anpad.com.br/pt_br/article_search/?search%5Bq%5D=Dinheiro+na+M%C3%A3o+%C3%A9+Vendaval%3A+Um+Caso+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+Financeira&search%5Bsubmit%5D=. Acesso em: 4 dez. 2024.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A — ROTEIRO DE ENTREVISTA

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E GESTÃO FINANCEIRA EMPRESARIAL: UM ESTUDO COM MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS

Esta entrevista possui como intuito detectar evidências que possibilitem compreender como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais.

Pesquisadora: Rita Emanuelle Santos de Jesus - UFS

Perfil do microempreendedor individual

Gênero:

Idade:

Estado Civil:

Grau de instrução:

Experiências anteriores:

Razão para empreender:

Informações gerais do microempreendimento

Ano de formação:

Localização:

Possui funcionário formal: () sim () não

Setor de atuação:

Principais produtos/serviços:

Obs.: A alfabetização financeira contempla o conhecimento, o comportamento e a atitude financeira (Potrich, 2014).

Categoria analítica: Conhecimento financeiro

Definição: Compreensão de conceitos financeiros (OCDE, 2023).

- 1 - Considere a venda de um produto por R\$70,00 no início do ano. Se a inflação do país for de 10% ao longo do ano, quanto custará o produto no final do ano?
- 2 - Suponha que você tem R\$2.000,00 disponíveis e precisa decidir o que fazer com esse dinheiro. Você pode optar por guardar na poupança ou investir em novos equipamentos para o seu negócio. Nesse contexto, qual das opções você acha mais viável e por quê?
- 3 - Como o risco pode te influenciar na escolha da pergunta anterior?
- 4 - Imagine que você pegou um empréstimo de R\$5.000,00 com uma taxa de juros simples de 5% ao mês, com pagamento único ao final do período de 6 meses. Quanto você deverá pagar de juros?

Categoria analítica: Atitude financeira

Definição: Tendências para agir em relação aos gastos (OCDE, 2023).

- 5 - Você considera que suas decisões financeiras são mais fundamentadas em planejamento ou impulsividade? Justifique sua escolha.
- 6 - Quais fatores costumam te influenciar ao tomar decisões relacionadas ao uso do dinheiro no dia a dia? Por quê?

Categoria analítica: Comportamento financeiro

Definição: Aplicação do conhecimento na prática, gerenciando as finanças (Huston, 2010).

- 7 - Você tem o hábito de monitorar as transações financeiras da sua empresa? Se sim, com que frequência? Se não, por qual motivo?
- 8 - Você costuma realizar uma reserva financeira periódica? Se sim, o que te motiva? Se não, o que te impede?
- 9 - Como você lida com imprevistos financeiros?
- 10 - Em geral, consegue pagar suas dívidas em tempo hábil? Se sim, quais estratégias utiliza? Se não, por qual motivo?
- 11 - Antes de realizar uma compra, costuma buscar informações em fontes confiáveis? Se sim, quais fontes? Se não, por qual motivo?

Categoria analítica: Gestão financeira em microempreendimentos

Definição: A gestão financeira compreende o registro e o gerenciamento das finanças, visando melhoria no desempenho da empresa (Banco do Nordeste, 2024).

12 - Você realiza a separação das contas pessoal e empresarial? Se sim, como as gerencia? Se não, por qual motivo?

13 - Já fez algum tipo de capacitação voltada para a área financeira? Se sim, o que te motivou? Se não, por qual motivo?

14 - Quais as principais dificuldades encontradas na gestão financeira do seu empreendimento?

15 - Você utiliza alguma ferramenta financeira, como o fluxo de caixa ou demonstrativo de resultados do exercício? Se sim, qual(is)? Se não, como é feito o registro das informações financeiras da empresa?

16 - Você utiliza planejamento financeiro em sua empresa? Se sim, como ele é estruturado? Se não, o que impede de implementá-lo?

17 - Você consegue identificar quais são os principais custos fixos e variáveis, bem como os impactos que eles causam no seu negócio? Se sim, como faz a classificação? Se não, por qual motivo?

18 - Como você gerencia o estoque da sua empresa?

19 - Você considera-se capaz de identificar o valor necessário para que a empresa mantenha suas operações funcionando, sem recorrer a terceiros? Se sim, como identifica? Se não, por qual motivo?

20 - Você costuma analisar um investimento antes de tomar uma decisão, no que diz respeito ao tempo e ao retorno? Se sim, quais estratégias utiliza? Se não, por qual motivo?

21 - Como você reconhece, avalia e gerencia os riscos inerentes ao seu empreendimento? Se não faz, por qual motivo?

APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo de caso intitulado ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E GESTÃO FINANCEIRA EMPRESARIAL: UM ESTUDO COM MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS, conduzido por Rita Emanuelle Santos de Jesus. Este estudo tem por objetivo compreender como a alfabetização financeira afeta a gestão financeira de microempreendedores individuais.

Você foi selecionado(a) por estar classificado na categoria de microempreendedores individuais, formalizados ou não, desde que tenha faturamento anual de até R\$81.000,00, não possua sociedades ou participações em outras empresas, nem filiais, com direito a ter até um funcionário (BRASIL, 2006). Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A sua colaboração no estudo não implicará em nenhum gasto a sua pessoa, ficando toda despesa necessária a cargo do pesquisador.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista respondendo aos questionamentos em pauta. A entrevista será conduzida pela pesquisadora responsável pelo estudo, por meio da plataforma *Google Meet*, sob registro em gravação de áudio, mediante a sua autorização, com duração média de 1 hora, em dia e horário de sua preferência.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Ademais, os dados coletados não serão para fins que não sejam acadêmicos, ou seja, as entrevistas serão utilizadas apenas para contribuir com o trabalho de conclusão de curso de Administração pela Universidade Federal de Sergipe.

A pesquisadora responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, da pesquisadora responsável/coordenador da pesquisa. Seguem o endereço eletrônico e o contato telefônico da pesquisadora responsável, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Caso não se sinta esclarecido, o voluntário pode procurar a pesquisadora responsável: Rita Emanuelle Santos de Jesus, e-mail: rita.mannu16@gmail.com, celular (79) 99830-4913.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

_____, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____.

Assinatura da pesquisadora: _____.